

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

c

Elizângela Gomes da Silva



Natal/RN
2006

Elizângela Gomes da Silva



Monografia apresentada à disciplina Pesquisa Histórica II do curso de História, sob a orientação do prof^o Dr. Almir de Carvalho Bueno, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel e Licenciada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Natal/RN
2006

*Para os meus pais, Pedro
Domingos da Silva (in memoriam),
e minha mãe Eliene Gomes da
Silva.*

Para os meus sobrinhos.

AGRADECIMENTOS

Nada mais justo que dividir os méritos que esse trabalho alcançar com as pessoas que me ajudaram direta ou indiretamente, estando comigo seja nos bancos acadêmicos ou em casa.

Agradeço a Deus por estar comigo, por ter me erguido quando caí, pelas vezes que achei que estava desamparada, sem chão porque seus braços de Pai me ampararam evitando que a correnteza que passava sob os meus pés me tragasse. Agradecer pela família linda que me deu.

Ao meu saudoso pai, Pedro Domingos da Silva (*in memoriam*), grande responsável pela construção do meu imaginário, com suas doces, engraçadas e coloridas histórias de pescador. Apesar de sua ausência real, sinto sua presença nos momentos em que reviso minha vida e afazeres, sonho com seus conselhos, aplausos e realizações.

À minha mãezinha, Eliene Gomes da Silva, minha primeira educadora, grande amiga e confidente, com quem divido alegrias e tristezas, desafios e superações. Minha estrela guia, exemplo de Mãe. Amo-te!

Aos meus irmãos Sávio, Flávio, Márcio, Willardo e Franklin, que sempre se preocuparam com o meu bem-estar, buscando me ajudar de alguma forma e de acordo com suas possibilidades. Meus guardiões. Amores da minha vida.

Às pessoas que conheci na Academia; aos amigos que plantei e cultivo, em especial Joelma, Luciana, Luzimar, Suerda, Bruna, Edinaldo, Consolação, e Bueno, pela superação nos momentos difíceis, tristezas divididas, pela alegria somada, pelo ombro amigo, pelos sorrisos largos. Vocês estão guardados e regados no meu coração.

Ao meu grande amigo e eterno chefe, Jorge Tavares de Moraes “Jorginho”, pessoa que tive o prazer de conhecer no primeiro dia de aula na universidade e até hoje está ao meu lado, e continuará. Aos colegas do Museu Câmara Cascudo. Realmente uma família. Obrigada a cada um de vocês.

Aos queridos educadores do Departamento de História, especialmente à Maria Emília, Raimundo Nonato e Durval Muniz, pela alegria do ensino, pelo prazer de produzir e difundir o saber. Obrigada pelo incentivo em ver seus alunos refletindo e discutindo historiograficamente e não copiando.

À preciosa e inigualável Aurinete Girão, “mãe” dos alunos do curso de História. Obrigada pela paciência em revisar as normas técnicas desse trabalho e por sua essencial presença na história do nosso curso.

Ao meu orientador Almir de Carvalho Bueno, a quem devo o despertar para o tema desse estudo, pela paciência em corrigir cada parte e disponibilidade em me atender.

Aos meus queridos sobrinhos

Àqueles cujos nomes não figuram entre os aqui citados, não os esqueci. Reconheço toda a atenção de vocês e agradeço de coração.

Ao meu namorado.

A todos vocês, MUITO OBRIGADA!

“O valor das coisas não está no tempo em que elas duram e sim na intensidade com que acontecem, por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis”.

Fernando Pessoa

SUMÁRIO

LISTA DAS GRAVURAS	06
INTRODUÇÃO	07
1 OS VIAJANTES NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA	10
2 A DIVERSIDADE DO OBSERVADOR	19
2.1 O sonho de enriquecer	21
2.2 Uma missão de fé	26
2.3 Inspiração para pintar	28
3 RIO DE JANEIRO OBSERVADO OLHARES ATENTOS, PAPÉIS E TINTEIRO ÀS MÃOS	32
3.1 A paisagem	35
3.2 A população	40
3.3 A corte	48
CONCLUSÃO	52
FONTES E BIBLIOGRAFIA	55
ANEXOS	58

LISTA DAS GRAVURAS

1. *Panorama da cidade do Rio de Janeiro, vista do terraço do morro da Conceição*, Thomas Ender. Aquarela sobre desenho e lápis, 35,3 x 53,8cm, 1817-1818. Kupferstichkabinett der Akademie der bildenden Künste Wien (Áustria), p 20 e 58
2. *Desembarque no largo do paço*, E. F. Taunay. 1829. Museu Imperial de Petrópolis, p 58
3. *Vista do Corcovado*, Augustus Earle. Aquarela, 203 x 338mm, 1822. National Library of Austrália, p 10 e 59
4. *Igreja da Glória e o Pão de Açúcar*, Thomas Ender. Aquarela, 14,5 x 21cm, 1817-1818. Coleção Paulo Fontainha Geyer, p 59
5. *Bairro de Botafogo*, Thomas Ender. Aquarela sobre lápis, 25 x 40,2cm, 1817-1818. Kupferstichkabinett der Akademie der bildenden Künste Wien (Áustria), p 32 e 60
6. *Praia de Botafogo*, Thomas Ender. Aquarela sobre lápis, 19,5 x 27,5, 1817-1818. Coleção Paulo Fontainha Geyer, p 60
7. *Desembarque de escravos*, J. M. Rugendas. Litografia colorida, 35,7 x 55,5cm, 1827-1835. Museu Castro Maya/IPHAN, p 61
8. *Mercado de escravos*, J. M. Rugendas. Litografia (colorida à mão), 35,5 x 51,5cm, 1835. Coleção particular, p 61
9. *Lavadeiras do Rio de Janeiro*, J. M. Rugendas. Aquarela, sem data, 16 x 23cm. Museu Castro Maya/IPHAN, p 62
10. *Vendedores de capim e leite (escravos de ganho)*, J. B. Debret. 1823, p 62
11. *Castigo público*, J. M. Rugendas. Litografia, 22,7 x 31,1 cm, 1835 Museu Castro Maya - IPHAN/RJ, p 63
12. *Castigos domésticos*, J. M. Rugendas. 1835, p 63
13. *Dia de Entrudo (cena de carnaval)*, J. B. Debret. 1823, p 64
14. *Rua Direita*, J. M. Rugendas. Litografia com aquarela, 1825, p 64
15. *Desembarque da Imperatriz Dona Leopoldina*, J. B. Debret. Óleo sobre tela, 44,5 x 69,5cm, 1818. Museu Nacional de Belas Artes (Rio de Janeiro), p 65
16. *Aclamação de D. Pedro*, J. B. Debret. Óleo sobre tela, 48 x 70cm, sem data. Museu Nacional de Belas Artes (Rio de Janeiro), p 65

INTRODUÇÃO

A transferência da Corte portuguesa para o Brasil e a abertura dos portos às “nações amigas” em 1808 proporcionaram a vinda de estrangeiros de diversas nacionalidades em todo o território colonial, cuja principal porta de entrada era o porto do Rio de Janeiro para onde eles convergiam em sua maioria e de onde partiam para outras capitanias. Até então a entrada deles estava proibida pela Coroa, só autorizada em determinadas circunstâncias.

Sem as barreiras impostas pelo governo à entrada de estrangeiros e vencidos os problemas políticos nas nações européias ameaçadas pelo Bloqueio e invasões napoleônicas, os interesses de algumas instituições convergiram para cá, aportando aqui missionários, naturalistas e artistas, como, por exemplo, Thomas Ender, assim como aventureiros. Esses viajantes enviaram à Europa e Estados Unidos informações sobre a cultura e amostras da nossa fauna e flora, fazendo enriquecer museus, herbários e jardins públicos, com espécies e peças raras e diversas, as quais auxiliaram na construção da representação de imagens do Brasil.

O que pretendemos nesta pesquisa é, a partir dos diários de viajantes estrangeiros que estiveram no Brasil na primeira metade do século XIX, estudar como eles descreveram a cidade do Rio de Janeiro, então capital do Império português e sede da Corte (depois de Lisboa, principal cidade do domínio lusitano); cidade de amplos contrastes, que foram vistos e relatados por esses estrangeiros; cidade que teve de, às pressas, desarraigá-la do seu passado colonial para receber a corte e com a presença dela deveria educar-se para fazer jus à tão imponente importância.

O nascimento dessa temática está ligado à disciplina História do Brasil II (2004), ministrada pelo prof^o Almir de Carvalho Bueno, que durante o curso pediu aos alunos um ensaio monográfico que contemplasse a temporalidade espacial estudada: o Brasil-Império. O amadurecimento da idéia se deu com a paixão que a leitura dos diários de viagem despertou ao tratar da cidade do Rio de Janeiro, cuja paisagem e história desde muito tempo me fascinaram.

Nesses diários podemos encontrar uma amplitude de campos de estudo, desde o etnográfico, o iconográfico, até mesmo o seu gênero de escrita: a crônica. Trata-se de um gênero literário e como tal não tem como característica a narração de um fato de forma realista; é em si descritiva. A própria história, durante muito tempo, foi tida como gênero literário, por romancear fatos e personagens, desprendendo-os da realidade do meio circundante. Já se vão muitas décadas desde a Escola dos Annales, a Nova História, com novas abordagens, abandonando os feitos dos grandes personagens da história por uma abordagem crítica desses feitos; saindo da história puramente política, para uma abordagem cultural e social. A crítica literária Flora Süssekind utiliza os diários de viagem para investigar a constituição de um narrador na literatura brasileira. Segundo ela, seja qual for o interesse, o narrador não é sujeito passivo daquilo que escreve; para ela, a intervenção se dá para que as imagens captadas pelo olhar se tornem passíveis de representação no momento da escrita e assim, o sujeito que escreve educa o modo como se verá aquela imagem e se lerá aquela mensagem.¹

O presente estudo procura se inserir no campo da História Cultural que, segundo Roger Chartier, “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.² Pretende-se, pois está fundamentado na idéia do olhar e do representar, já que a maneira como se olha interfere na impressão que se terá daquele lugar, pessoa ou objeto. Entendendo o olhar como uma ação, a qual lança “a sensação de não pertencer, de ser outro, de se sentir estrangeiro”³ e a representação que é resultado desse olhar, “dar a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado, por outro lado como exibição de uma presença, representação pública de algo ou de alguém.”⁴ Lançando mão do primeiro sentido, a representação é entendida através da relação entre uma imagem presente e um objeto ausente, valendo aquela por este.⁵

¹ SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 7.

² CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p.16.

³ *Ibidem*, p. 13.

⁴ *Ibidem*, p. 20.

⁵ *Ibidem*, p. 21.

Para a compreensão das impressões dos estrangeiros foram escolhidos viajantes de origens e finalidades diversas, cujas percepções variarão de acordo com suas referências culturais. Não se analisará aqui nenhuma imagem iconográfica produzida por esses viajantes, primeiro porque, com exceção de Thomas Ewbank, que tinha como *hobby* pintar quadros, os demais, Carl Schlichthorst, Carl Seidler e Daniel Kidder não eram artistas. Pretende-se analisar as memórias de suas viagens, a partir de suas impressões textuais, as imagens que se construirão em nossas mentes a partir do que eles tencionaram que víssemos. Então, os diários de suas viagens serão nossas fontes, que terão embasamento de uma bibliografia que contempla clássicos da historiografia brasileira e trabalhos recentes sobre esse tema.

Os escritos de viajantes de nacionalidades diversas são formas distintas de se ver o Brasil, até então descrito por portugueses e aventureiros que se arriscavam a desobedecer as ordens da Coroa portuguesa; seus relatos não deixam de ser a visão de uma elite, não lusitana, em um país de grande maioria analfabeta, onde apenas os filhos de abastados que tinham uma educação restrita ao âmbito doméstico podiam estudar nas universidades européias. Ainda assim, esses diários nos dão a possibilidade de ver um outro Brasil, uma outra corte, uma outra gente, outra paisagem. Busca-se assim dar voz a testemunhos pouco explorados nos trabalhos até hoje realizados.

Por ser um tema relativamente novo, convencionamos no primeiro capítulo contextualizar a temática na historiografia brasileira, apresentando algumas obras, com seus objetivos e metodologias e para tanto não nos detivemos apenas ao século XIX e retrocedemos ao século XVI, evidenciando os anseios dos homens daquele século, o avanço da ciência e a mudança do olhar o outro.

No segundo capítulo apresentamos os viajantes escolhidos, mostrando as intenções de suas viagens, já que são suas crenças, sua cultura que influenciarão o modo como olharão o Rio de Janeiro.

Finalmente, no terceiro capítulo, são mostrados alguns aspectos da cidade do Rio de Janeiro, na primeira metade do século XIX, descritos por Carl Schlichthorst, Carl Seidler, Daniel Kidder e Thomas Ewbank, desde a paisagem (natural e urbana), a população, com seus costumes e a corte e suas contradições. Daí sim, veremos como o Rio foi visto por eles.

1 OS VIAJANTES NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA



“De ponta a ponta, é tudo praia-palma, muito chá e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa”.

Pero Vaz de Caminha
(Carta ao Rei de Portugal, 1500)

Os relatos de viagem desde o descobrimento das terras de além-mar até o século XIX são importantes fontes de informações sobre a natureza, os costumes e a gente do Brasil. Eles informavam sobre essas terras aos interessados em expandir-se comercial e socialmente nos primeiros séculos de colonização e, a partir da presença européia, nos dizem como a América foi vista, grafada e representada. As imagens do Brasil vão mudando e se moldando de acordo com a nacionalidade do viajante, seus interesses e a época em que foram produzidas. O interesse do homem do Quinhentos é diferente do homem do Oitocentos, assim como o contexto europeu é outro. Fim do século XV e início do XVI, a Europa saía da Idade Média, em que esteve sob a mentalidade da Igreja cristã, e começava a vislumbrar as mudanças no pensamento e nas atitudes. A visão de Brasil(sis) é relativa e depende da época e do lugar de onde se olha e se provém. Apesar dessa variante, os relatos não deixam de ser a impressão que os viajantes estrangeiros tiveram sobre o Brasil. Segundo Belluzzo, “o interesse na revisão da contribuição deles que passaram pelo país é um reconhecimento que eles escreveram páginas fundamentais de uma história que nos diz respeito”. Mas nem sempre foi assim, a autora afirma ainda que nos anos 30 a política nacionalista de Vargas fez “retroceder a importância desses cronistas”.⁶

O trecho da carta de Caminha que abre este capítulo trata sobre o descobrimento; ela é oficialmente o primeiro olhar sobre o Brasil, informa ao rei de Portugal sobre a existência de terras com potencialidades para se explorar. Caminha descreve o novo mundo narrando o que vira, observara e percebera, sob a sua ótica e interesse. Desde então a quantidade de descrições sobre essas terras foi se alastrando e hoje são preciosas fontes para se conhecer o Brasil visto por outros.

⁶ BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. A propósito do Brasil dos viajantes. *Revista Usp*, São Paulo, v. 30, p. 9, jun./ago. 1996.

Para chegarmos às nuances e peculiaridades do olhar que representa o Brasil no século XIX é necessário que se faça uma breve apresentação dos anseios e singularidades dos viajantes dos séculos anteriores.⁷ Nos dois primeiros séculos após o descobrimento prevaleceram a fantasia e o sobrenatural nas narrativas de viagem; esses textos são os que darão forma às figuras que representarão a América, auxiliando no encantamento, no deslumbre e proporcionando ao imaginário, visualizações antes só vistas nos textos antigos. O homem desses séculos ainda era guiado pelos textos da Antiguidade Clássica, fascinado pelas narrativas épicas. Colombo, em carta à Coroa Espanhola, disse não ter encontrado os monstros humanos que muitas pessoas esperavam que ele encontrasse; pelo contrário, toda a população, ele afirmou, “é muito bem feia de corpo”.⁸ As visitas desses estrangeiros não nos renderam apenas meras representações da terra, pois além de aplicarem imagens de índios em suas pinturas cristãs e cortesãs e de levarem objetos representativos dessa gente, houve quem quisesse levar o próprio índio para provar o que havia encontrado.⁹ Os indígenas aparecem em gravuras européias nos primeiros anos após o descobrimento, nas quais ora são cristãos, ora demônios; os objetos que os identificam como nativos da América são os cocares e as flechas. O surgimento dessas imagens evidenciou e deu vida aos textos e aguçou o interesse em conhecer essas terras, pois para a Europa “além do Atlântico tudo era lenda, e por isso, os testemunhos dos viajantes passam a adquirir foro de verdade e as imagens que suscitam são tidas como evidências”.¹⁰

A historiografia tem tratado essa temática com grande cuidado, pelo fato de os diários de viagens, as gravuras e as cartas dizerem sobre um Brasil olhado por outra cultura. Na

⁷ Para esse retrospecto utilizamos a coleção de 3 volumes “O Brasil dos Viajantes”, coordenada pela professora Ana Maria de Moraes Belluzo, como também o “Dossiê Viajantes”, edição especial da Revista Usp, também sob sua coordenação. E ainda “O Rio de Janeiro dos viajantes” de Luciana de Lima Martins; “Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX” de José Carlos Barreiro e “O Brasil não é longe daqui” de Flora Süssekind

⁸ LEITE, José Roberto Teixeira. Viajantes do imaginário: a América vista da Europa, século XV-XVII. *Revista Usp*, São Paulo, v. 30, p. 34-35, jun./ago. 1996.

⁹ Em 1503 o francês Paulmier de Gonneville aportou na costa sul do Brasil (no atual estado de Santa Catarina) e lá conviveu com uma tribo de índios carijós. Diante da diferença e do exótico que encontrou pediu autorização ao chefe do grupo para levar o índio Essomeriq para a Europa, prometendo devolve-lo em vinte luas. Chegando à costa francesa a embarcação foi atacada por piratas, o navio afundou e junto com ela muitos dados dessa viagem; os tripulantes nadaram até a orla entre eles Essomeriq que nunca mais voltou ao Brasil. Essa romântica história pode ser lida em MOISÉS, Leyla Perrone. Vinte luas: viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil: 1503-1505.

¹⁰ BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *Imaginário no Novo Mundo*. São Paulo: Metalivros; Salvador: Odebrecht, 1994. p. 18-26. (O Brasil dos Viajantes, 1).

coleção “O Brasil dos Viajantes”,¹¹ Belluzzo analisa a produção iconográfica dos estrangeiros, desde o século XVI até o XIX. No século XVI, as principais análises dizem respeito a André Thevet, Jean de Léry e Hans Staden. Seus relatos e ilustrações estão arraigados na valorização da literatura clássica, com algumas leves diferenças entre eles.¹² Muitas das imagens não foram feitas por viajantes, elas se constituíram através do “ouvido”, foram feitas a partir do que se lia nos diários, nas cartas. Os holandeses em Pernambuco no tempo de Nassau (século XVII), segundo Belluzzo, evidenciam um novo olhar, não mais aquele que se maravilha e sim o que compara, um olhar que explora a natureza. A arte começa a se tornar um instrumento da ciência e o artista a ganhar status de cientista.¹³

Segundo Maria Alzira Seixo, em artigo na Revista USP,¹⁴ “os textos franceses têm um caráter menos narrativo e mais reflexivo, comunicando a sistematização de um olhar que já tem muito de etnográfico, embora ainda construído sobre a descrição e o factual imediato”;¹⁵ os franceses não evocavam um paraíso terrestre, tratavam com bastante alegria sobre o Brasil. Já os textos portugueses são amplamente narrativos, descritivos sobre as terras, a gente, as riquezas e o potencial; as imagens feitas pelos portugueses nos primeiros tempos do descobrimento, tais quais seus textos, eram bastante fantasiosas.

A publicação do “Dossiê Viajantes” pela Revista USP complementa a sua predecessora, a coleção “O Brasil dos Viajantes”. No dossiê, a intenção de Belluzzo é percorrer e debater a construção das imagens do Brasil e da América por artistas, cronistas, cientistas e aventureiros estrangeiros que percorreram esse espaço desse o século XVI. Em artigo nessa revista, Janice Theodoro defende que só impulsos muito fortes levariam tantos homens a se aventurarem nos mares desconhecidos; a população europeia crescera, muita gente passava fome, privada de terra; a esperança de haver em outro continente subsídios que lhes gerasse riquezas e lhes proporcionasse perspectivas de vida foi alimentada pelas

¹¹ Coleção de três volumes editados pela Fundação Odebrecht em 1994, que traz um texto rico em informações sobre os viajantes desde o descobrimento até o século XIX e com muitas gravuras.

¹² BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *Imaginário no Novo Mundo*, p. 36-40.

¹³ BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *Um lugar no universo*. São Paulo: Metalivros; Salvador: Odebrecht, 1994. p. 9-16. (O Brasil dos Viajantes, 2).

¹⁴ Em 1996, a Revista da Universidade de São Paulo, lançou um dossiê sobre viajantes sob a coordenação de Ana Maria de Moraes Belluzzo: o número traz uma série de artigos que tratam da temática, não se restringindo ao Brasil, ampliando-se pela América e cujos autores são das mais diversas especialidades em Ciências Humanas.

¹⁵ SEIXO, Maria Alzira. Entre cultura e natureza: ambigüidades do olhar do viajante. *Revista Usp*. São Paulo, v. 30, p. 128, jun./ago. 1996.

narrativas.¹⁶ A curiosidade foi motivadora das grandes navegações e o encontro com os habitantes daqui despertava admiração e diferença de ambas as partes.

O século XIX traz uma nova missão para quem se aventura na América: ainda que tenha havido viagens desprovidas de interesses institucionais, em sua maioria elas foram patrocinadas. O alemão Alexander von Humboldt é um divisor entre os séculos XVI-XVII e XVIII-XIX; em viagem pela América em fins do século XVIII coletou grande número de informações e lançou um volume enciclopédico daquilo que observou.¹⁷ Sua contribuição é marcante e serviu de modelo para outros viajantes. Esse tempo inaugura a separação do artista do cientista, vivia-se o romantismo nas expressões artísticas, o sentir a natureza ainda que bucólico, era romântico (aqui se referindo às lembranças de quando a Europa tinha uma natureza visível, tomada agora pelo crescimento das cidades e o desenvolvimento industrial). Essa cisão faz o artista ter um outro ponto de vista, ver e pintar o pitoresco, arte e paisagem, urbanidade e natureza se fundindo na representação. A observação passa a ser subjetiva, é o olhar individual de cada um que confere um desafio à reflexão, relativista; olhar agora, depende de onde se olha, como se olha e quem olha.

A chegada da corte e a organização do aparato artístico e cultural do Brasil em torno da Academia de Belas-Artes fez virem para cá artistas e naturalistas franceses, austro-bávaros, ingleses, dentre tantos outros, os quais enraizaram técnicas e práticas neoclássicas de pintura e arquitetura, visíveis até hoje em algumas cidades brasileiras; as primeiras pinturas do século XIX foram os retratos, em seguida a pintura histórica (retrato de algum fato) e à ela vai aos poucos se associando o culto ao natural, resultando na pintura de paisagem. Em 1816, a pedido de D. João VI, aportou no Rio de Janeiro a Missão Artística Francesa, cuja intenção era engajar-se na academia recém-criada e conhecer o território brasileiro; dessa missão participou Jean-Baptiste Debret. No ano seguinte, a comitiva que trazia D. Leopoldina da Áustria trouxe consigo a Missão Austro-Bávara, cujo intuito era coletar dados sobre o território brasileiro, de grande interesse da futura imperatriz; nessa missão veio Karl Friedrich Philipp von Martius. E a missão russa chefiada pelo barão Georg Heinrich Freiherr Langsdorff, em 1824, que almejava também explorar o território brasileiro, e que, apesar de alguns imprevistos e

¹⁶ SILVA, Janice Theodoro da. Visões, descrições da América: Alvar Nunez Cabeça de Vaca (XVI) e Hercules Florence (XIX). *Revista Usp*, São Paulo, v. 30, p. 76, jun./ago. 1996.

¹⁷ <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/alm290720031.htm>.

tragédias, conseguiu chegar até à Bacia Amazônica. Dela participou o holandês Johann Moritz Rugendas.

Muitos dos viajantes que aqui chegaram preferiram residir nas cercanias das cidades, mais próximos da natureza; o pitoresco estava associado exatamente à idéia de saudável. Com isso, distanciavam-se da insalubridade das cidades, ainda que as cidades européias não estivessem tão distantes disso e se privavam da presença dos negros que circundavam todo o centro do Rio, aos quais eles tinham ojeriza.¹⁸

Regina Horta Duarte, em artigo de 2002 na Revista Brasileira de História,¹⁹ estudou os viajantes que estiveram no vale do rio Mucuri constatando que o que mais fascinava a August de Saint-Hilaire e Maximilian New-Wied eram as populações indígenas e a Mata Atlântica, chegando a classificar os botocudos como os mais ferozes tapuias. A prática da antropofagia foi bastante discutida por esses e outros estrangeiros, variando de acordo com a crença; para um católico o ritual era bestial, inculto e servia para saciar a fome, já para um não católico tratava-se de um ritual social, ligado a uma ação vingativa.²⁰

Dois grandes artistas estiveram no Brasil no século XIX, Debret e Rugendas, os quais são os mais explorados pela historiografia; as ilustrações de suas memórias de viagem se encontram em livros didáticos e acadêmicos, dado o volume e a qualidade de suas impressões sobre o país. Nas pinturas de Debret, Belluzzo diz haver uma predominância do social sobre o espaço, relegado ao posto de cenário, onde a sociedade se encontrava e se confrontava; já nas pinturas de Rugendas o lugar é quem define o homem, ou seja, a natureza age sobre ele.²¹ Podemos ainda inserir em meio a esses grandes artistas, Thomas Ender.

Em artigo no mesmo número da revista, Luiz Vailati analisa os ritos fúnebres, particularmente os funerais dos “anjinhos”. Antes, é interessante que se pense em ler esses diários relativizando-os. Muitos condizem com a educação religiosa, com valores individuais. Não é que houvesse alegria com a morte das crianças, mas o instante é ornado de simbologias e festividades que faziam parte do rito, como, por exemplo, escolher uma boa roupa e maquiagem

¹⁸ BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *A construção da paisagem*. São Paulo: Metalivros; Salvador: Odebrecht, 1994. p. 21. (O Brasil dos Viajantes, 3).

¹⁹ Em 2002, a Revista Brasileira de História da Anpuh, em seu n. 44, publicou um número especial intitulado: “Viagens e viajantes”, com vários artigos de historiadores sobre viajantes do século XVI ao XIX.

²⁰ DUARTE, Regina Horta. Olhares estrangeiros: viajantes no vale do rio Mucuri. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, Anpuh/Humanitas, v. 22, n. 44, p. 270-272, 2002.

²¹ BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. Op-cit, p. 76-77.

o “anjo”; nesses momentos eram comuns bebidas e comidas, tanto que o inglês Thomas Ewbank em 1846 presenciou um desses funerais e disse que podia imaginar que fosse tudo e se não fossem as velas e o caixão nada ali lhe dizia que se tratava de um funeral.²² Ora, como diz Vailati, os viajantes de origem protestante, de caráter “egoísta”, olhando apenas para si culturalmente, se auto-impediam de ter uma visão dos costumes.²³ Ewbank se insere nesse grupo peculiar, assim como Daniel Parish Kidder, Carl Seilder e Carl Schlichthorst; muito mais Kidder, missionário metodista norte-americano que se tornou pastor assim que retornou aos Estados Unidos. Aliás, os artistas e escritores norte-americanos, no século XIX, criaram imagens de um Brasil que tanto dizia respeito aos EUA quanto o Brasil se mostrava ao visitante. Além da imagem fixadora do porto do Rio, outra que despertava grande interesse era a exploração da região Amazônica.

A Amazônia imprimia medo, repulsa e um interesse ávido por explorar aquele imenso paredão verde, fechado, como nunca se viu e dali não se sabia o que poderia sair. Um dos mitos que auxiliaram no desejo de explorar a América foi o do “El dourado”.

A crítica literária Flora Süssekind, no livro “O Brasil não é longe daqui”, investiga a constituição de um narrador de ficção no Brasil no século XIX, e segundo ela, na primeira metade do Oitocentos esse narrador se constrói a partir de dois gêneros: a literatura não ficcional de viagem e a paisagem (tropical, pitoresca, natural).²⁴

Tanto a iconografia como os relatos dos viajantes são como versões e não fatos, foram produzidos não à medida que iam sendo vistos, mas na memória desses homens, que passou por seleções e esquecimentos, o que podemos ver e ler disso são fragmentos. Essa idéia é desenvolvida por Luciana Martins em estudo sobre os viajantes britânicos na primeira metade do século XIX no Rio de Janeiro. A intenção dela é utilizar as imagens produzidas por eles, campo ainda pouco explorado, segundo ela. Mesmo trabalhando com viajantes de nacionalidade comum, seus olhares não foram homogêneos, nem coerentes, sendo o

²² EW BANK, Thomas. *A vida no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1976. p. 58. (Reconquista do Brasil, 28).

²³ VAILATI, Luiz Lima. Os funerais de “anjinhas” na literatura de viagem. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, Anpuh/Humanitas, v. 22, n. 44, p. 370, 2002.

²⁴ SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*, p. 20.

observador um sujeito que vê a partir de diversas convenções e limitações, dadas por sua identidade.²⁵

Já José Carlos Barreiro investiga, através dos diários de viagem, a constituição do imaginário dos viajantes no século XIX no Brasil. A partir daí, tenta reconstituir o cotidiano das lutas de classes nos tempos do Império. De todos os trabalhos aqui citados, esse é um dos poucos que se valeram dos viajantes aqui escolhidos para se trabalhar: Schlichthorst, Seidler, Kidder e Ewbank. Em discussão sobre sexo na tese, Barreiro chama Ewbank de moralista e prepotente, com atitudes típicas de um colonizador, ao falar das lavadeiras negras nas Laranjeiras.²⁶

O desenvolvimento do presente estudo se situa na mudança do olhar, subjetivo, relativo e incoerente, em que uma observação diverge da outra, assim como pode corresponder; não se trata de um simples olhar, é um olhar que pensa. O Iluminismo promoveu o aproveitamento técnico da natureza pelo homem tornado artista-cientista, aquele que retira dela seres para serem dispostos em espaços que buscam reconstituir a paisagem natural; os ingleses foram especialistas nisso, na reconstrução de paisagens em jardins e passeios públicos.²⁷ Nessa vertente, sensibilidade e razão caminham juntas. A exploração de estrangeiros no século XIX é decorrente da expansão capitalista e neocolonialista, quando eles vinham não apenas para ilustrar museus, gabinetes, construção de ambientes mas também por outras razões aparentes: o retorno econômico e o prestígio social.²⁸

São exatamente esses olhares vindos de diferentes lugares que gerarão múltiplos interesses. Toda a atração que se sentia era bem mais intensa pelo Rio de Janeiro, principalmente com o estabelecimento da corte lisboeta, como nos diz Luciana Martins, já que “tratava-se de uma situação ímpar, pois o Rio viria a ser a única cidade colonial a confrontar

²⁵ MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 39-43. O trabalho de Luciana Martins foi resultado de sua tese de doutorado em geografia cultural pela UFRJ, defendida em 1998.

²⁶ BARREIRO, José Carlos. *Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Unesp, 2002. p. 57. Sua tese foi defendida em 1999 na USP, com o título “Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX”.

²⁷ BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *A construção da paisagem*, p. 18-26.

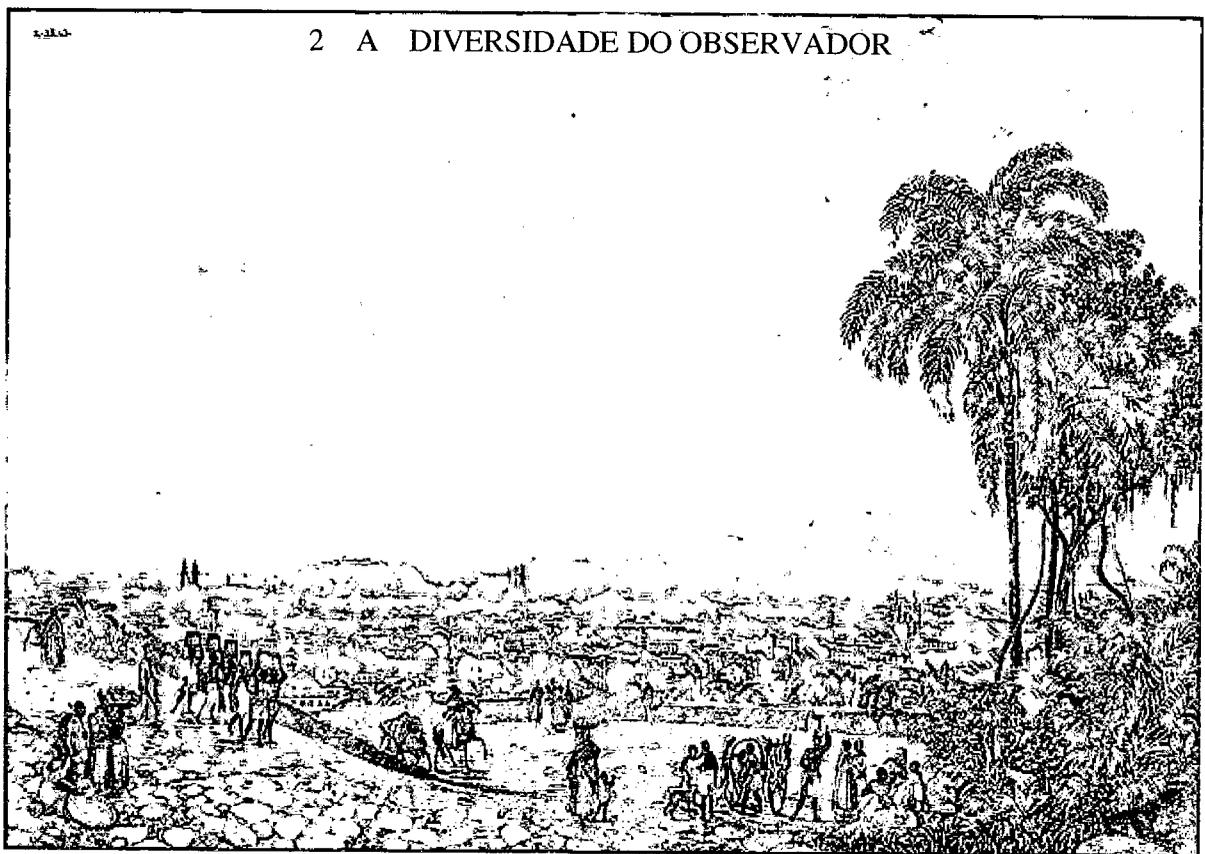
²⁸ LISBOA, Karen Macknow. Olhares estrangeiros sobre o Brasil do século XIX. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000)*. São Paulo: Senac São Paulo, 2000. p. 268.

seus governantes metropolitanos com a realidade confortável de três séculos de domínio colonial”.²⁹

A partir de agora veremos alguns dos olhares que vislumbraram o Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX, seus interesses, suas expectativas e perspectivas. Para, em seguida, visualizarmos as impressões deles que ficaram da paisagem natural e urbana, da gente e da corte da capital do Império Brasileiro.

²⁹ MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800-1850)*, p. 13.

2 A DIVERSIDADE DO OBSERVADOR



"No Rio se me deparou mundo inteiramente novo, em que me atirei para reproduzir dia e noite até cair exausto física e moralmente, prostrado sem forças".

Thomas Ender

Em 1808 a Coroa portuguesa, em troca de proteção na travessia pelo Atlântico, assinou acordos com a Inglaterra. Através da Carta-Régia de 28 de janeiro do mesmo ano, estabeleceu que estavam suspensas as leis e outras cartas reais que proibiam a "reciprocidade comercial"; mais do que isso, essa aproximação abriu os portos do Brasil para outras nações também. Dessa vez, não apenas portugueses e quem quer que burlasse as restrições impostas por essa Coroa conheceriam essas terras. O Rio de Janeiro, que era capital da colônia, foi o lugar de destino da realeza e nobreza portuguesas passando a partir de então a ser conhecida como a Corte.³⁰ Ela se tornou a vitrine do país, a imagem pela qual o Brasil seria identificado no mundo. Lá, estava o principal porto da região; foi para lá que se dirigiram a maioria dos viajantes, estivessem eles a serviço de particulares ou não, que se dispunham a estudar a natureza, a cultura e a gente dos trópicos.³¹ Muitos desses homens abandonaram suas pátrias por razões as mais diversas: o sonho de enriquecer iludia e fascinava a uns; a tarefa de difundir a fé e ser um missionário de Deus animava outros; a esperança de encontrar paisagens e objetos suficientes para despertar a imaginação inspirava e engrandecia outros. Alguns tiveram suas viagens financiadas pelo Império, exemplo disso foi a Missão Francesa de 1816, na qual vieram artistas, naturalistas e cientistas que se engajaram na idéia de D. João em conhecer as terras que agora abrigavam o Império.³²

O financiamento dessas viagens quando não partiu do próprio artista, cientista ou aventureiro, foi custeado por uma instituição que dava para esses homens um objetivo: depois de um tempo determinado eles forneciam informações e objetos representativos das terras do Novo Mundo. O destino deles foi o Rio de Janeiro, que se tornou centro político, econômico e

³⁰ Apesar de o termo ser restrito para mencionar a vida palaciana, da nobreza, do príncipe e dos reis, foi assim que a cidade do Rio de Janeiro ficou conhecida até o final do Império (ver VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. p.175).

³¹ ALENCASTRO, Luís Felipe de. Vida privada e ordem no Império. In: _____. *História da vida privada no Brasil, 2. Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.12.

³² D. João VI se tornou príncipe-regente de Portugal em 1792, mas só foi aclamado rei em 1816, com a morte da mãe, D. Maria I.

cultural do Brasil, por onde as novidades do mundo, principalmente da Europa, chegavam e influenciavam todo o resto. A grande responsável pelo volume de variedades que aqui entrava foi a permissão de Portugal à exploração dessas terras por outras nações; para elas, o “Brasil era uma terra cujos segredos haviam sido velados por uma Coroa portuguesa ciumenta e possessiva”.³³ Ilustra muito bem esse cuidado o bloqueio sofrido pelo germânico Alexander von Humboldt em 1800, quando em viagem pelas Américas tencionou passar pelo Maranhão; sabendo das suas intenções a Metrópole enviou uma ordem para o governador e capitão-geral do Grão-Pará para que se examinasse com bastante escrupulo o dito barão e qualquer outro viajante estrangeiro, porque suas explorações pelo território da capitania poderiam ser prejudiciais aos interesses da Coroa.³⁴ Os relatos que eles produziram, enriqueceram não apenas instituições de pesquisa e de fé, mas também contribuíram para a construção da identidade européia, a partir do momento em que se deu o encontro com o outro e as informações adentravam no Velho Continente. Desde fins do século XV chegavam notícias sobre terras “desconhecidas” e ainda no Oitocentos muita coisa parecia novidade, diferente, exótica.

2.1 O sonho de enriquecer

O período Joanino (1808-1821) foi de grande mudança no cenário da cidade do Rio de Janeiro. Desde incentivos para que lá se formasse um aparato burocrático e sócio-cultural, digno de uma capital, até a contratação de cientistas e professores para estudarem a *terra brasilis* e repassarem conhecimentos clássicos, ligados às artes e ofícios. Ainda nesse período o Brasil foi elevado à categoria de Reino Unido a Portugal e Algarves; é bem verdade que tamanha “honra” correspondia aos interesses portugueses de participação e fortalecimento no Congresso de Viena.

No contexto do retorno do rei D. João VI para Portugal em 1821 e da ascensão de D. Pedro I e independência do Brasil aconteceria o conflito na Cisplatina.³⁵ Essa região na parte

³³ DUARTE, Regina Horta. Olhares estrangeiros: viajantes no vale do rio Mucuri. *Revista Brasileira de História*, p. 268..

³⁴ Apud: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/alm290720031.htm>.

³⁵ Na Cisplatina, atual Uruguai, havia os Independentes (monárquicos ou republicanos); os partidários de uma aliança com Buenos Aires; e ainda um Partido Português, que defendia a incorporação ao Brasil.

meridional do rio da Prata, que pertencera a Portugal, foi anexada ao Brasil em 1821, mas divergências políticas provocaram uma rebelião que exigia a separação do Brasil e a anexação às Províncias Unidas do Rio da Prata (atual Argentina); a paz só seria selada em 1828 no Rio de Janeiro, fazendo surgir a República Oriental do Uruguai, comprimida entre a Argentina e o Brasil. Na guerra da Cisplatina, para fortalecer o exército brasileiro na região, o Império criou 4 batalhões que recrutavam estrangeiros: 2 de Caçadores e 2 de Granadeiros.

Em 1825, a fim de enriquecer, almejando encontrar aqui meios para construir um rico patrimônio, o germânico Carl Schlichthorst apresentou-se ao Sr. Georg Anton Aloys von Shäffer,³⁶ amigo pessoal da imperatriz Leopoldina da Áustria, que fazia o recrutamento de estrangeiros para as tropas que iriam para a região da Cisplatina. Flora Süssekind comprova a presença de Shäffer agenciando mercenários e camponeses alemães, assim como ratifica uma informação de Schlichthorst, de que no momento em que embarcavam para o Brasil eram entoadas canções de incentivo, nas quais “a terra brasileira era uma verdadeira Terra de Promissão, onde haveria ouro como areia, as batatas seriam do tamanho de uma cabeça, o café cresceria em todas as árvores e o verde seria eterno”.³⁷ No momento em que ele embarcava para o Brasil havia uma canção cujos versos diziam: “o Brasil não é longe daqui”. Ele conhecia a canção e comprovou quão falsas eram as promessas do agenciador e a imagem paradisíaca que se construía daqui. O aprendizado de que o paraíso estava longe daqui foi rápido e doloroso, tanto que ele não encontrou outro título para dar às suas memórias de viagem: “Rio de Janeiro como é: uma vez e nunca mais”.

Embora parecesse conhecer o agente pela sua fama de traficante de “carne humana”, aceitou o desafio: vir para o Brasil com a finalidade primeira de alcançar riquezas; o meio encontrado foi se submeter a compor o corpo de soldados para a guerra, no sul do Império brasileiro. Segundo ele, a razão para ser recrutado foi um desejo extravagante que alimentava de enriquecer e alcançar fama e sucesso.³⁸ Para a viagem pagava-se em torno de 100 pesos, o equivalente a mil-réis, ao chegarem no Brasil seriam ressarcidos pelo Império. Isso era para

³⁶ Que segundo o próprio viajante, era um agente diplomático no Império Luso-brasileiro. Ver: SCHLICHTHORST, Carl. *O Rio de Janeiro como é (1824-1826): uma vez e nunca mais*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1976. p. 11. (O Brasil visto por estrangeiros).

³⁷ SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*, p. 22.

³⁸ SCHLICHTHORST, Carl. *O Rio de Janeiro como é (1824-1826): uma vez e nunca mais*, p. 11.

evitar os aproveitadores. Mas acaso não tivessem a quantia, o Império arcava com as despesas, e aqui chegando teriam esse valor descontado no salário mensal.

Schlichthorst, então com 29 anos de idade, partiu de Hamburgo em janeiro de 1825, confiante de que no Brasil estaria o seu sucesso, e após 65 dias de viagem chegou ao porto do Rio de Janeiro no dia 4 de abril do mesmo ano, quando se iniciavam os conflitos na Cisplatina. Juntamente com outros tripulantes ele ficou estabelecido em Niterói, no Mosteiro de São Bento, tendo todos jantado com o imperador do Brasil nesse dia, ficando à espera de serem despachados para a província de São Pedro do Sul. Mas, logo nos primeiros dias na Corte, o viajante percebeu que a situação nos trópicos não seria tão fácil quanto ele sonhara. Bem mais, o estado em que se viu, sem dinheiro, restrito a receber 400 réis, enquanto esperava a nomeação para engajar-se no batalhão, segundo ele, mal dava para se alimentar e pagar o quarto em que dormia.

Desanimado com a situação inversa da que ouvira falar, ou fantasiara, o teuto se afastou dos compatriotas, pretendendo servir à Marinha e não mais compor o Batalhão de Granadeiros. Todavia, um decreto de 19 de abril de 1825 o nomeou tenente do 2º Batalhão de Granadeiros. Contrariado e desiludido, porque viera fazer fortuna e a carreira militar mostrava-lhe que não seria possível,³⁹ recorreu ao Ministro da Guerra e a D. Pedro I e de ambos recebeu resposta negativa. Foi então procurar a imperatriz, a fim de que ela intercedesse por ele para que pudesse retornar à Europa. Ou seja, ainda não completara um mês de estada na Corte e o germânico já não suportava a idéia de permanecer ali. D. Leopoldina respondeu que não lhe faltava boa vontade, mas lhe faltava o dinheiro.⁴⁰ Na ocasião presenteou a imperatriz com um poema, pelo qual ela lhe deu 200 mil-réis.

Com duas negativas e uma vontade de ajudar sem poder, Schlichthorst viu mais uma vez suas esperanças serem desfeitas. Primeiro, o enriquecimento e a fama se tornaram inalcançáveis; segundo, a Baviera, naquele momento, estava distante e o retorno quase impossível. Tendo desistido de servir no Batalhão de Granadeiros, resolveu aprender português para sobreviver na Corte, e o fez convivendo com o povo que era ainda, segundo ele, a melhor maneira de aprender um idioma, com as situações do dia-a-dia. Ele reclamava

³⁹ SCHLICHTHORST, Carl. *O Rio de Janeiro como é (1824-1826)*: uma vez e nunca mais, p. 67.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 32.

que sua situação chegara a um ponto tão deplorável de miséria que recebera esmolas de um mendigo a quem ele se acostumara a ajudar.⁴¹

Schlichthorst passou alguns meses na Corte sem conseguir engajamento, até que foi informado que o Imperador iria lhe despedir. Nessa audiência com o Imperador e o Ministro da Guerra, lhe foram dadas duas opções: pagar ao Império o que lhe havia sido adiantado em razão da demora do seu engajamento ou servir de graça ao Império até completar a quantia que devia. Schlichthorst escolheu a segunda opção, e continuou na Corte, sobrevivendo com os 400 réis mensais, buscando a todo instante tentar retornar à Europa. Esperanças que foram sendo desfeitas na medida em que ele convivia com a dura realidade da vida de militar. Deixou bem claro que muitos dos homens agenciados pelo Sr. von Shäffer eram presidiários, degredados, infelizes e indesejados que os Estados Germânicos pareciam lhes dar o castigo de cumprirem suas penas no Brasil. Daí a razão de serem chamados de mercenários inescrupulosos.⁴²

Na mesma época, o também germânico Carl Friedrich Gustav Seidler partiu de Hamburgo para o Brasil. Em outubro de 1825 embarcou no “Carolina”. Bem diferente de Schlichthorst, que tivera sua viagem agenciada por von Shäffer, Seidler deixou bem claro que pagara 26 luíses para vir para cá e também não era um dos recrutados dele. Segundo Seidler, esses rapazes, recrutados pelo agente, ao chegarem no Brasil eram trocados por ouro e canaviais.⁴³

Seidler também partira da Europa a fim de enriquecer e acreditou que extrairia da natureza tropical alguns produtos para fabricar utensílios para sua vida de fantasias, que não foram reveladas por ele. O que se lê no seu diário de viagem são queixas da vida na Corte e comparações entre a vida que se levava na Europa e a vida que se tinha no Brasil. Disse ter vindo para cá com uma ordem especial, que o encaminhava até D. Pedro I.⁴⁴ Após 2 meses navegando em mares europeus e sofrendo em meio a muitas tempestades e angústias, finalmente em janeiro de 1826, o navio deixa o Mar do Norte e toma o rumo do alto-mar em

⁴¹ SCHLICHTHORST, Carl. *O Rio de Janeiro como é (1824-1826)*: uma vez e nunca mais, p. 228.

⁴² *Ibidem*, p. 276.

⁴³ SEIDLER, Carl. *Dez anos no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980. p. 28.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 28.

direção à América. Nos primeiros dias, distante de qualquer visão de terra, o viajante expressou o seu pesar: “Ainda sinto viva as impressões que então dominavam meu coração, contudo já no outro dia eu ansiava por tornar a ver terras, montes e matas, pois a contemplação do oceano traça uma barreira firme, intransponível à fantasia”.⁴⁵

Completados 103 dias de viagem desde a saída de Hamburgo, no dia 26 de fevereiro de 1826 o “Carolina” chega à costa do Rio de Janeiro, mas os tripulantes tiveram que “bordejar à espera da madrugada [para atracar]. Foi linda a noite [...], não tivemos sono [...], sonhávamos acordados e em conversação[sic] em palavras interpelávamos uns aos outros os nossos sonhos de futuro”.⁴⁶ Quando puderam desembarcar, Seidler passou 15 dias sem rumo pela cidade, como ele mesmo escreveu, até que recebeu indicação para procurar um Sr. Miranda, Ministro dos Negócios da Colônia, ou como Schlichthorst chama, Inspetor da Colonização Estrangeira no Rio de Janeiro, homem benquisto pelo Imperador. Tendo feito requerimento para ser entregue ao ministro, não conseguiu espaço para entregá-lo e procurou o próprio D. Pedro I, desejando uma ordem para que ingressasse imediatamente na Armada Brasileira. Conseguiu falar com ele e foi enviado ao Ministro da Guerra; dois dias depois, saía a Ordem Imperial que o nomeava Segundo Tenente do 27º Batalhão de Caçadores.

A impressão que se tem é que havia uma certa abertura para que se chegasse até à autoridade máxima do Brasil na época do Império, mas não é bem assim; essa facilidade só se concretizava se a pessoa tivesse vindo através de uma recomendação de alguma autoridade dos estados europeus. Percebe-se que tanto Schlichthorst quanto Seidler conseguiram chegar bem próximos do Imperador a ponto de lhe pedir favores, intercessão em assuntos particulares, assuntos esses, supostamente, de interesse do Império. No tempo em que viveu na Corte, Seidler percebeu a crise que abatia a política nacional, desde a que exigia o retorno de D. Pedro para Portugal, como também o momento em que a Câmara dos Deputados decretou a dissolução das tropas alemãs.⁴⁷ Esse ato apressou o seu retorno para a Europa, mas antes, bastante revoltado, Seidler citou trechos da Constituição de 1824, dizendo ser o decreto anticonstitucional e desabafou acerca da falta de compromisso dos brasileiros para com aqueles que se dispuseram a vir lhes ajudar na guerra, dizendo: “estamos no Brasil, país onde

⁴⁵ SEIDLER, Carl. *Dez anos no Brasil*, p. 30.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 33.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 304.

as noções de fidelidade e fé, quando muito, são conhecidas pelos dicionários, mas na prática não se conhece, não se quer saber sua significação”.⁴⁸

Não apenas Schlichthorst demonstrou descontentamento com as promessas feitas na Europa de que no Brasil havia promessa, mas também Seidler, veja mais um desabafo dele:

Quem aprendeu a escrever pode manejar uma pena para reproduzir fiel e conscienciosamente aquilo que tiver aprendido com seus próprios sentidos [...] saberá que cometi uma tolice quando deixei [...] minha pátria [...] para tentar sorte no novo mundo, levado por meus sonhos de moço com um moderno *chevalier sans peur et sans reproche* [cavaleiro sem medo, nem defeito].⁴⁹

2.2 Uma missão de fé

A Constituição outorgada por D. Pedro I em 1824 estabeleceu a Igreja Católica Romana como religião oficial do Império, entretanto no artigo 5º permitia que outras religiões fossem praticadas no Brasil, desde que os cultos fossem domésticos e em casas para essa finalidade, cujas estruturas externas não tivessem formas de templos.⁵⁰ Assim, em 1837, o norte-americano de Nova York, Daniel Parish Kidder, com apenas 22 anos, embarcou para o Brasil acompanhado da esposa a fim de cumprir uma missão religiosa designada pela “American Bible Society”. Contrariando a família, Kidder convertera-se ao metodismo e se tornara missionário da Igreja Metodista, recebendo a missão de vender e também distribuir bíblias a todos aqueles que as aceitassem.

Kidder não vinha para o Brasil a fim de enriquecer, não era aventureiro, nem tampouco cientista; tratava-se de um missionário, cuja viagem fora financiada por uma Sociedade ligada à Igreja Reformada, cuja finalidade estava bem explícita: difundir as Sagradas Escrituras. Apesar dessa abertura do Império para que outros credos pudessem ser praticados, ainda que em âmbito doméstico, a missão não seria nada fácil, pois a Corte com seus rituais monárquicos de louvor ao Imperador confundia-se com os ritos do Catolicismo de adoração a Deus, à Nossa Senhora e aos anjos e santos; tratava-se de uma região dominada há 3 séculos pela religião de Roma, com seus dogmas, hierarquias e rituais. Ele acreditava que

⁴⁸ SEIDLER, Carl. *Dez anos no Brasil*, p. 305.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 27.

⁵⁰ VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Imperial*, p. 596.

havia poderosos motivos para se esperar que a Reforma lançasse raízes aqui e disseminasse protestantes pelo norte e pelo sul.⁵¹

Na época de sua estada na Corte, o Brasil vivia no tempo das Regências, desde 1831.⁵² Este período foi bastante conturbado, com diversas sublevações pelas províncias, ora contestando o poder vigente, ora lutando por melhorias sociais e econômicas, dadas as disparidades regionais.

O viajante não fez um diário de bordo, ou seja, não relatou os dias em que viveu em alto-mar, não falou das esperanças, dos desejos, dos medos, além dos que estavam ligados à sua missão. Talvez quisesse constatar *in loco* o que ouvira falar ou eximiu-se de fazer qualquer comentário. Ainda sem conhecer a cidade, ele fez um esboço da história da província, desde 1565, descrevendo a colonização do Rio iniciada pelos franceses, aproveitando o momento para tratar de rixas entre franceses e o chefe Villegagnon; dessas rixas resultaram algumas perseguições, que vieram colaborar para o retorno deste para a França. Destacou a importância do jesuíta José de Anchieta, reconhecendo os serviços prestados por ele à comunidade, entretanto, em alguns momentos lamenta por terem-no visto como milagreiro.⁵³

Confirmando ser sua verdadeira missão difundir as Escrituras Divinas em português, disse ter sentido a inveja da Igreja Católica quando esta lançou os jornais “O Católico” e em seguida “O Católico Fluminense”. A chegada dessas missões evangélicas se acentuou a partir da segunda metade do século XIX; até então, elas estavam reduzidas a viagens esporádicas. Desde que a família real chegara ao Brasil houve permissão para a entrada de imigrantes protestantes, e alguns setores da elite imperial incentivavam a vinda deles, pois viam neles o espírito do crescimento, do progresso, da evolução e elevação da produção. Kidder passou 6 meses no bairro da Glória, se mudando depois para o Engenho Velho, porque nesse lugar não havia cultos; viajou ainda para São Paulo e províncias do Norte. Retornou para os Estados

⁵¹ KIDDER, Daniel Parish. *Reminiscências de viagens e permanência nas províncias no sul do Brasil*: Rio de Janeiro e província de São Paulo: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980. p. 26.

⁵² Inicialmente decidiu-se por uma Regência Trina Provisória, até que em julho do mesmo ano foi eleita uma Regência Trina Permanente, com um representante do Norte, um do Sul mais o Brigadeiro Lima e Silva. Em 1835 ela foi transformada em Una, com a eleição do regente padre Diogo Feijó. A sua renúncia em 1837 levou a mais uma votação, cujo eleito foi Pedro de Araújo Lima em 1838, perdurando até julho de 1840, quando Pedro de Alcântara foi declarado maior, portanto hábil para ser investido do poder que o pai abdicara em seu favor.

⁵³ *Ibidem*, p. 80-81.

Unidos em 1840 após o falecimento da esposa. Lá se tornou pastor e professor de Teologia e aos 29 anos foi nomeado Secretário das Escolas Dominicais. Sua obra é peculiar, por se tratar de um pastor protestante num país colonizado e enraizado no catolicismo, há trezentos anos.

2.3 Inspiração para pintar

Em julho de 1840, com a antecipação da maioria constitucional de Pedro de Alcântara se iniciava o Segundo Reinado. A aclamação do menino foi bastante esperada, após anos de lutas civis na Regência.⁵⁴ O novo imperador ainda recebeu herança do período anterior, resolvendo, finalmente, a questão Farroupilha em 1846, após 10 anos de guerra.

É nesse contexto do Segundo Reinado que o inglês Thomas Ewbank parte de Richmond, Estados Unidos, em 1846 para o Rio de Janeiro, a fim de permanecer por 6 meses. Antes mesmo de iniciar a viagem, o britânico reclama de algumas dificuldades que o viajante encontrava para chegar ao Brasil. Ele explicou que essas dificuldades se referiam ao fato de ele ter enviado informações sobre si para obter o passaporte, a licença para entrar no país. Ewbank, um rico empresário, que vivia há anos nos Estados Unidos e cujo divertimento era pintar quadros, disse ter vindo para os trópicos a fim de encontrar inspiração suficiente para exercer o seu lazer. Depois de 40 dias de viagem ele se mostrou bastante deslumbrado com o que viu e observou que “ao pôr do sol e logo em seguida surgiam pinturas panorâmicas, das quais nem metade poderia ser retratada por lápis ou pena humana”.⁵⁵

Ewbank descreveu o orgulho prazeroso que as pessoas sentem ao visitar esta ou aquela cidade antiga européia de alto valor histórico e cultural para humanidade, e comentou, quase que aconselhando ao leitor a visitar a América: “Cruzai o oceano, pois em seguida se conclui que nada é mais antigo, mais extraordinário e sublime de se ver, nada mais sugestivo de novas idéias, prazeres, sentimentos, esperanças, temores, etc”.⁵⁶

No dia 31 de janeiro de 1846 o “Mazeppa” ancorou na Baía de Guanabara, mas apenas no dia seguinte a tripulação pôde descer, devido às verificações da Alfândega que

⁵⁴ NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das; MACHADO, Humberto Fernandes. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 137.

⁵⁵ EWBANK, Thomas. *A vida no Brasil*, p. 36.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 40.

atrasaram porque havia muitos navios, de diversos países, com bagagens para serem fiscalizadas. Ewbank produziu um diário de viagem rico em detalhes, cujas descrições de objetos, pessoas e ambientes são minuciosas, feitas com bastante cuidado e com grande propriedade de conhecimento, pelo menos na arte de descrever e desenhar. Não esboçou paisagens, mas alguns objetos, e a descrição da utilidade destes. Diferentemente dos outros viajantes, ele deixou bem clara a organização e ordenação do seu diário, relatando dia após dia o que vivenciou, enquanto os outros não. No próximo capítulo apresentaremos melhor suas impressões sobre o Rio de Janeiro.

O que se depreende desses relatos é que as razões para se vir ao Brasil eram as mais diversas, e as expressões que ficaram são frutos exatamente dos desejos, sucessos e decepções. É, como afirma Luciana Martins, que o empreendimento deve ter sido movido por intenções e expectativas, que certamente podem ter tido grande influência na hora de descrever e pintar o que viram.⁵⁷ Eles participaram do cotidiano da Corte, seja entre os humildes, assistindo toda a dinâmica do dia-a-dia, seja olhando as contradições de uma realeza na opulência temperada da Europa, no calor tropical da América. Representaram em palavras e repercutiram na mente de quem os lê, imagens de um país inteiro, a partir de um único lugar, o Rio de Janeiro, que não correspondia a toda a realidade do país, cuja dimensão abarcava diferenças naturais e culturais, como o “sertão” e a Amazônia. Mas para os viajantes aqui escolhidos são os usos e costumes da população do Rio que expressarão o Brasil. Esses viajantes foram influenciados por outros aventureiros, naturalistas e artistas que os precederam, e suas palavras e imagens contribuirão para a formação dos olhares nos séculos seguintes, que trarão novas perspectivas, novas dúvidas e curiosidades.

“As representações do Rio, são como fragmentos de memória, são partes de um processo contingente do saber”.⁵⁸ Elas contribuíram para a formação dos nossos olhares sobre todas as paisagens, vendo as representações como um espaço teatral, que conferem tanto a quem assiste como a quem atua papéis específicos, desde o momento da produção da imagem até o momento em que ela vai sendo revisitada. Fragmentos porque não sabemos das

⁵⁷ MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800-1850)*, p. 11.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 11.

negociações que os viajantes fizeram com a paisagem, priorizando esse ou aquele objeto-pessoa, e com a própria memória no momento da feitura das imagens. Ficaram para nós os rascunhos, os croquis, cartas, gravuras, diários, entre outros; são exatamente esses fragmentos de que dispõe o historiador.

As imagens do Rio feitas pelos viajantes são diversas daquelas feitas pelo colonizador, aqueles vinham ansiosos por encontrar uma natureza selvagem, virgem, querendo conhecê-la cientificamente, enquanto este tinha interesse em povoá-la, cristianizá-la e extrair as riquezas que encontrasse. A intenção dos primeiros se evidenciava devido à escassez de paisagem natural na Europa (crescimento das cidades e industrialização), sendo, portanto saudosos e românticos na descrição da paisagem.

Foi no século XIX que o olhar sobre e para a natureza abandonou a ingenuidade diante do novo (magnífico) e profissionalizou-se, legitimando e precisando o ponto que se observa. A natureza com suas belezas já não respondia por si só a diversidade e exuberância, e a inserção do Brasil na ótica da modernidade coincide com os avanços tecnológicos no visual (câmara escura e posteriormente daguerreótipo) – o modo de ver científico à paisagem foi simultâneo ao interesse artístico – dessa feita aproximam-se ciência e arte – produzindo uma pintura paisagística natural.⁵⁹ Diríamos que apesar de o pensamento europeu já se revelar realista, comparativo, racional, o olhar sob o Rio de Janeiro Imperial ainda tinha muito de romântico, de deslumbre, mas sem os medos que assombravam o homem do medievo até o Renascimento.

Nas palavras de Luciana Martins havia um jogo de olhares entre os viajantes que se aproximavam e os transeuntes que estavam na orla; esse instante, segundo ela, define a tensão existente nesse encontro, que pode ser intensificada ou amenizada. Ela chegou a essa conclusão após analisar a carta de Charles Darwin para a irmã Caroline, escrita em 1832 quando ele aportara na Baía de Guanabara, ficando toda a tripulação à luz do dia a olhar a paisagem e ser vista por quem passava no porto.⁶⁰

⁵⁹ NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das; MACHADO, Humberto Fernandes. *O Império do Brasil*, p. 29.

⁶⁰ MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800-1850)*, p. 21.

As imagens que temos do Rio, e as percepções do mundo europeu sobre nós, advém exatamente desses olhares estrangeiros, os quais ditaram regras para a posteridade de como deveríamos nos olhar, e olharmos os outros.

A maneira de olhar o outro com olhar que busca inserção e identidade do objeto com o lugar foi desencadeada pelo pensamento renascentista e iluminista. Ora, esses pensamentos se fundem, pois põem a razão e a individualidade acima de todas as questões. Dessa visão de mundo racional e individual se eleva o subjetivo, o relativismo. Constroem-se espaços e dão vida a personagens e objetos que já não estão ali, mas que fazem parte daquela estrutura cênica.⁶¹

Agora apontaremos algumas das percepções que esses viajantes descreveram durante a estada no Rio de Janeiro; de suas memórias de viagens retiramos fragmentos que dizem respeito a alguns aspectos da cidade como a paisagem (natural e urbana), a população e a corte.

⁶¹ SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*, p. 24.

3 RIO DE JANEIRO VIGIADO: OLHARES ATENTOS, PAPÉIS E TINTEIRO ÀS MÃOS



“A primeira impressão que colhemos da vida humana no Rio de Janeiro foi altamente desagradável e revoltante; destruiu todos os sonhos idílicos que como chuva de maná se derramaram sobre nosso coração ainda enjoado do mar [...]. Passou por nós grande embarcação que levava dezoito negros, quais escravos de galés, dura e estreitamente acorrentados uns aos outros”.

Carl Friedrich Gustav Seidler

A estada da corte no Brasil trouxe inúmeras mudanças, desde os modos de se vestir e falar, como também alguns incômodos. O país saía, ao menos na teoria, do seu status de colônia, e o Rio de Janeiro tornava-se o centro do império português e a essência do que se pensava ser o Brasil; a cidade através da qual as novidades chegavam e se irradiavam pelas outras províncias. Assim, “pega de surpresa”, ela estava desprovida de espaço para acomodar em condições ainda que simples, a comitiva real, que era em torno de 12 a 15 mil pessoas. “Como pólo de difusão de novidades, o Rio de Janeiro não deixava de representar ao mesmo tempo uma espécie de corpo estranho para as províncias ainda mais acentuadamente inseridas no Antigo Regime”.⁶²

Segundo Adolfo Morales de los Rios Filho, a insuficiência de habitação decente para abrigar a família real, ao menos com um pouco de conforto, ainda que o luxo ficasse de lado, foi notória. Então lhe foi cedida o Palácio da Quinta da Boa Vista em São Cristóvão e também querendo dispor de espaço para a nobreza se recorreu ao “direito de aposentadoria”, costume muito antigo instituído no Brasil pelo Regimento de 1590:

Aposentar é a pessoa real ou a Corte ter o direito de escolher e tomar aposentos na casa ou habitação alheia. De fato foi o que ocorreu no Rio, onde nas portas de algumas dignas residências foram postas as letras P.R. (Príncipe Regente/Propriedade Real); para os donos delas significou ‘ponha-se na rua’.⁶³

A presença dessas pessoas, tanto os membros da família real, quanto os seus agregados e boa parte da aristocracia lusa fizeram com que a cidade crescesse, sendo

⁶²NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das; MACHADO, Humberto Fernandes. *O Império do Brasil*, p. 47.

⁶³RIOS FILHO, Adolfo Morales de los. *O Rio de Janeiro Imperial*. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, UniverCidade Editora, 2000. p. 60.

valorizados os seus imóveis. Segundo Luís Felipe de Alencastro, a população urbana do Rio subiu de 43 mil para 79 mil habitantes entre os censos de 1799 e o de 1821,⁶⁴ tanto que o artista Johann Moritz Rugendas constatou nos cinco anos em que viveu aqui (1821-1825) que “por toda parte se procurava extrair granito de pedreiras para construir muralhas à beira-mar, calçar ruas e levantar edifícios”.⁶⁵ A paisagem urbana certamente era disforme, confusa e contrastante. Uma corte que buscava manter a pompa e esplendor europeus, junto a uma população em sua maioria de negros e mestiços (escravos e libertos); numa paisagem tropical, quente e úmida, cuja beleza fazia o romântico suspirar; contrastava com os costumes da população, imprimindo-lhes regras, as quais não foram capazes de suprimir os velhos costumes, nem de apagar completamente os traços característicos da cidade; os salões europeus não conseguiram acabar com os antigos festejos de rua, os quais continuaram a se realizar, servindo de principal forma de divertimento para as camadas pobres.⁶⁶

Para o Brasil vieram homens de olhares atentos por costumes, por natureza, por ver de perto a exuberância e exotismo dos trópicos. De pupila dilatada e adrenalina aguçada observaram o quanto e o mais que puderam da dinâmica brasileira, especificamente a carioca. Suas impressões de imediato não foram para o papel, ficaram em suas memórias, só posteriormente, de volta aos seus países puseram a descrever e a representar a natureza, a corte, a gente e os costumes daqui.

Ao que parece, não só a corte contrastava com a população e seus costumes, mas também com a paisagem, que era absolutamente bela, e parecia não estar em sintonia com a gente nova que chegara. E a representação que Adolfo Morales nos fornece da disposição física do espaço dimensiona o quanto ela era diferente, peculiar:

[A cidade do Rio de Janeiro] seria como uma vasta mão espalmada sobre o terreno. A mão propriamente dita representaria o conjunto das montanhas, os dedos figurariam os contrafortes do mesmo e os espaços entre os dedos dariam a imagem dos vales existentes.⁶⁷

⁶⁴ ALENCASTRO, Luís Felipe de. Vida privada e ordem no Império. In: _____. *História da vida privada no Brasil*, 2. *Império: a corte e a modernidade nacional*, p. 13

⁶⁵ Apud RIOS FILHO, Adolfo Morales de los. *O Rio de Janeiro Imperial*, p. 39.

⁶⁶ NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das; MACHADO, Humberto Fernandes. *O Império do Brasil*, p. 46.

⁶⁷ RIOS FILHO, Adolfo Morales de los. *O Rio de Janeiro Imperial*, p. 42.

É a essa paisagem, vista pelo olhar dos viajantes, que nos debruçaremos a seguir.

3.1 A paisagem

Falar da paisagem é se construir na mente a idéia do que ela é, ou ainda imaginá-la mais ou menos como os viajantes desejaram que ela fosse olhada; quando redigiram seus diários ousaram fixar na mente de quem quer que os lessem a representação do Brasil, com elementos também representados nesse espaço. O verde das matas talvez tenha sido o que mais exerceu esplendor, atração, repulsa e medo aos visitantes, como diz Adolfo Morales que “desse verde [das florestas] que chamando tão fortemente a atenção dos primeiros viajores[sic], fez que afirmassem existir eternidade da primavera brasileira. Essa cor que representava magia, também trazia o medo: a oposição”.⁶⁸ Entendemos oposição como sendo o esperado: o outro, o indígena, o selvagem com arco e flecha pronto para a guerra e para devorar todos aqueles que se atrevessem a chegar perto do seu espaço.

Todos os aspectos culturais de um grupo ou sociedade têm seu valor, digamos que os costumes são quem mais representam as diferenças entre um povo e outro; olhar o outro elucida comparações, realismo e razão, entendendo-o como científico, recebendo assim caráter objetivo. A representação confere a esse olhar que observa os costumes status de “mais próximo do real”, ao mesmo tempo que olhar a natureza e representá-la apresenta caráter romântico, portanto subjetivo, não-realista e “mais próximo do maravilhoso”. É como se a representação dos costumes fosse mais realista que a representação da natureza. Segundo Luciana Martins não há dois pólos quando se trata dos modos de ver, em que num dos pólos esteja o sentimento e no outro a razão, a ciência.

Estudar o modo de ver é romper com grandes dicotomias explicativas, segundo as quais o olhar para a natureza por evocar arte e sentimento, é classificado de romântico, enquanto o olhar que mede, que compara, que mapeia, é classificado de racionalista ou neoclássico, como duas esferas contrapostas.⁶⁹

⁶⁸ RIOS FILHOS, Adolfo Morales de los. *O Rio de Janeiro Imperial*, p. 44.

⁶⁹ MARTINS, Luciana. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800-1850)*, p. 16.

A beleza não é inerente ao objeto, e sim fruto da imaginação, da subjetividade, e depende do estado de espírito do observador, que confere e dá um espaço para o objeto/pessoa que almejou representar. Assim sendo, os olhares desses viajantes persistirão e olharemos através dos olhos deles.

Primeiramente nos deparamos com uma afirmação de Schlichthorst de que “algumas vantagens climatológicas, com um céu eternamente limpo e uma brisa que refresca o ardente calor da atmosfera, favorecem a preguiça e a inata sujeira de todos os povos meridionais”.⁷⁰ O calor dos trópicos, como de qualquer outro lugar pode suscitar preguiça e indolência, agora o viajante foi bastante eurocêntrico ao dizer que os povos meridionais têm uma sujeira inata que é favorecida pelo clima quente. Ao mesmo tempo ele reconhece que a cidade é uma maravilha, com insetos, flores, árvore, mar, ar e montanhas; é possível se perceber em vários pontos da cidade vestígios da natureza exuberante.⁷¹ Ele fala da beleza rara que possui o Rio de Janeiro, cita seus montes famosos, como o Pão de Açúcar e o Corcovado, e como a cidade “parece uma imensa ravina, no meio [desses montes], lagoas de aspecto tão maravilhoso como se não encontram no Velho Mundo”.⁷²

Ainda se referindo a um morro, dessa vez o do Telégrafo, do Pão de Açúcar e à enseada de Botafogo, Schlichthorst suspira dizendo que os olhos demoram com agrado na maravilhosa paisagem que parece posta por divina magia no meio das florestas virgens: “Nas montanhas circunjacentes, verdejam, ainda tranqüilamente luminosas, as antigas florestas, cobertas pelo mesmo céu azul, com a luz a refratar-se nas ondas do mesmo modo glorioso daquele dia em que o venturoso Cabral descobriu a terra brasileira”.⁷³

O alemão Seidler compara a cidade a sua terra natal; avisa que já se falou sobre diversos portos de todo o mundo, mas que nenhum deles vale o porto do Rio de Janeiro, que tem o Pão de Açúcar ao fundo, o “gigante de pedra; é o Broken⁷⁴ do Brasil, envolto em mil tradições e lendas católicas e pagãs, pois também o Novo Mundo tem sua moderna

⁷⁰ SCHLICHTHORST, Carl. *O Rio de Janeiro como é (1824-1826)*: uma vez e nunca mais, p. 27-28.

⁷¹ Aqui ele se refere à Mata Atlântica, cujos vestígios atualmente se resumem às reservas e parques nacionais.

⁷² *Ibidem*, p. 40.

⁷³ *Ibidem*, p. 215.

⁷⁴ Montanha da serra no Harz, na Alemanha, com 1.142 m de altura – repleta de imaginação popular.

mitologia”.⁷⁵ É uma unanimidade entre os viajantes a exuberância natural tropical. Seidler, num momento bastante solitário expressa seu desejo de encontrar refúgio, talvez o medo da decepção já estivesse iminente:

A natureza aqui foi e é mãe, por que tudo aqui se reúne formando um quadro de suprema harmonia; é como se a quem uma sorte infeliz arremessou a estas distantes plagas, que também aqui há duas mil léguas da pátria, será ela carinhosa mãe, a querer consolá-lo e compensá-lo de tudo quanto falta ao seu coração cheio de saudades.⁷⁶

A exuberância dos trópicos parece ser capaz de retirar suspiros de um mudo, de tão bela e magnífica, como é representada; “para que se não perceba essa maravilha divina é preciso que se seja muito pouco apreciador da natureza para que daí por diante não se passe a render homenagens à beleza e à diversidade da criação que se encontra num só lugar, o Rio de Janeiro”.⁷⁷ O metodista Kidder, com a visão que obtém do Corcovado, diz ser ela suficiente para proporcionar ao observador o maior e o mais belo panorama jamais contemplado por olhos humanos.⁷⁸

A imagem do Brasil fascinou e aguçou o imaginário de muitos homens e nações, foi a mestra para a realização de muitos sonhos, mas muitas vezes ultrapassar a utopia e alcançar, de fato, o paraíso terrestre, se transformava em pesadelo. Ainda assim muitos não deixaram de ver diversidade e acreditar no Brasil. “Nem tudo é tão ruim quanto parece”, essas foram as primeiras palavras de Ewbank, ainda a bordo, esperando a liberação da Alfândega. Descendo para a cidade, aponta morros, reclama do calor e da invariabilidade da temperatura, dizendo serem esses aspectos propícios para se viver mais, entretanto causam lentidão intelectual, porque quem chega passa a partilhar com a gente do lugar a preguiça, sentindo falta, de imediato, da neve e da primavera, ainda assim não deixou de render elogios à paisagem carioca:

⁷⁵ SEIDLER, Carl. *Dez anos no Brasil*, p. 35.

⁷⁶ *Ibidem*, p. 61

⁷⁷ KIDDER, Daniel Parish. *Reminiscências de viagens e permanência nas províncias do sul do Brasil*, p. 21.

⁷⁸ *Ibidem*, p.117.

E que vista! O mar, uma folha de prata; nem um arpejo na baía brilhante para apartar a atenção de suas ilhas de esmeralda e praias verdejantes; nem uma nuvem na face risonha do céu. Era uma cena paradisíaca. Não tentarei descrevê-la, nem tentarei desenhar a alegria de espírito que inspirava.⁷⁹

As belezas naturais da cidade contrastavam com as dificuldades de se transitar por ela, com suas ruas estreitas, curvilíneas. As casas são construídas ao modo português, mas já começavam a adentrar na cidade outros estilos arquitetônicos; algumas casas têm licença para crescerem pra cima, chegando algumas a ter quatro andares.⁸⁰ O prédio do Paço é o Palácio das fadas, segundo Schlichthorst, embora seu interior não corresponda a sua beleza exterior ornada com a brisa que vem da baía com a bela Praça da Aclamação do Campo de Santana, e que não há no mundo até então maior que ela. O Teatro Pedro de Alcântara e o Aqueduto da Carioca são as duas construções mais descritas pelos viajantes, pois segundo eles, ambas correspondem às necessidades da cidade e têm qualidade arquitetônica.

Para Schlichthorst, a Rua do Ouvidor, talvez a mais famosa da época, tinha um aspecto singular, e nela em alguns momentos se tinha a impressão de estar em Paris; mas alguns instantes de caminhada pela sua extensão fazia o transeunte cair na realidade: grande quantidade de pretos, “três quartos das pessoas que transitam por ela, são de cor”;⁸¹ de mesma opinião partilha Kidder.⁸²

Seidler não tece elogios às casas e ruas, apenas faz comentários, dizendo serem elas curtas, baixas, estreitas, sujas e vulgares. As casas são de uma simplicidade e deselegância tal que apenas em algumas delas, de propriedade de pessoas ricas, viu tapetes, entretanto são ornadas no estilo barroco, deselegantes e desconfortáveis, embora luxuosas.⁸³

O aspecto das construções cariocas, nem de longe lembra a compactação e harmonia das cidades do hemisfério norte, segundo Seidler:

⁷⁹ EWBANK, Thomas. *A vida no Brasil*, p. 199.

⁸⁰ SCHLICHTHORST, Carl. *O Rio de Janeiro como é (1824-1826): uma vez e nunca mais*, p. 45.

⁸¹ *Ibidem*, p. 103.

⁸² KIDDER, Daniel Parish. *Reminiscências de viagens e permanência nas províncias do sul do Brasil: Rio de Janeiro e província de São Paulo*, p. 59.

⁸³ SEIDLER, Carl. *Dez anos no Brasil*, p. 46.

As igrejas são geralmente as edificações mais dispendiosas e imponentes do país, conquanto muitas delas tenham pouco de que se orgulhar quanto à concepção e ao acabamento [por que são rudes, com pórticos e janelas passando a impressão de prisão].⁸⁴

Para Ewbank, as casas do Rio também não têm beleza, escadas e pórticos; têm dois andares, onde o térreo é usado para comércio e o superior para residência. A sujeira que a cidade hospeda, fruto dela própria, não passou despercebida. Seidler comenta que sentiu ausência de banheiros e os cariocas não se incomodam, e estando à distância desses lugares fazem suas necessidades onde estiverem, e durante a noite obrigam os escravos a despejarem seus dejetos na praia e estes, estando já cansados da lida, despejam a porcaria na primeira esquina que encontram: “Transportados nas cabeças [tambores] dos escravos, são esvaziados toda noite em certas partes da baía, de tal forma que para quem caminha pelas ruas depois das dez horas da noite não é seguro nem agradável”.⁸⁵

Segundo a interpretação de Adolfo de los Rios, as matérias fecais e águas servidas eram levadas às praias, lagoas, charcos e terrenos baldios em barris, carregados à cabeça pelos negros escravos – chamados “tigres” pelo povo. Muitas vezes o fundo do barril cedia e os repugnantes despejos emporcalhavam as roupas dos pobres escravos, lhes deixavam marcas que o populacho julgava assemelharem-se às pintas das peles dos verdadeiros tigres.⁸⁶

Essa prática de dispor desses homens para o serviço de despejo dos dejetos, segundo Gilberto Freyre, retardou a instalação da rede de esgotos das cidades do Império, que só começou a ser instalada por volta da década de 1860.⁸⁷ A cidade do Rio de Janeiro era assolada por pestes advindas da sua insalubridade piorando ainda mais no verão, com a falta d'água; a pouca que havia era contaminada ou salobra, o que só foi solucionado com a construção do Aqueduto da Lapa. A família Imperial e a nobreza, para fugir das pestilentas, recorriam à arejada Petrópolis.⁸⁸

⁸⁴ SEIDLER, Carl. *Dez ano no Brasil*, p. 70.

⁸⁵ EWBANK, Thomas. *A vida no Brasil*, p. 75.

⁸⁶ RIOS FILHO, Adolfo Morales de los. *O Rio de Janeiro Imperial*, p. 105.

⁸⁷ Apud ALENCASTRO, Luís Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. In: ___. *História da vida privada no Brasil. Império: a corte e modernidade nacional*, p. 67.

⁸⁸ *Ibidem*, p. 68.

3.2 A população

A população da cidade era formada por negros (escravos e livres), mestiços, brancos pobres,⁸⁹ por raros indígenas, alguns judeus, ciganos e muitos estrangeiros, entre eles, viajantes, professores, literatos, artistas, naturalistas, cantores e soldados, dos quais os menos estimados eram os mercenários alemães, pois para a população eles vinham para o Brasil a fim de construir riquezas, se dispondo a fazer qualquer coisa que lhes rendesse dinheiro. Pode-se incluir nesse seletto grupo os viajantes nossos conhecidos, Carl Schlichthorst e Carl Seidler, segundo acompanhamos no capítulo anterior. Seidler, após desembarcar no Rio de Janeiro e passar pela revista da Alfândega promete relatar “apenas” o que vir, o outro nada diz a esse respeito, tal qual Daniel Kidder e Thomas Ewbank. Dizendo ou não descreverem apenas o que viram com a certeza de dizerem somente a verdade, tenha-se em mente que eles serão responsáveis, em parte, pela educação dos nossos olhares e também dos outros estrangeiros na Europa e nos Estados Unidos. No sentido de que eles tencionarão mostrar aos brasileiros, e a quem quer que almeje nos olhar, como se deve olhar; não apenas olhar e ver, mas subtrair da imagem que é captada pelo olho a organização da cena, podendo assim ser grafada e representada.

A escravidão é um tema bastante recorrente nos diários de viagem. Não obstante, alguns viajantes se esquivaram em tratar sobre o assunto, outros foram brandos ao usar palavras que atenuavam a situação. O norte-americano Kidder, adepto da abolição, tem um discurso de maior repúdio a essa prática desumana que tanto perdurou no Brasil. Ele, por exemplo, no momento que acompanha uma procissão religiosa, constatou que os escravos se deliciavam em ver seus senhores empenhados em trabalhos pesados, os quais lhes extraíam suor, carregando o andor do(a) santo(a) nos ombros.⁹⁰

Qualquer que fosse a origem do viajante, atenuando ou não a situação, quase impossível seria pisar em terras brasileiras e não falar da escravidão já que os escravos estavam por todos os lugares, fossem nas fazendas, trabalhando na lavoura e no interior das

⁸⁹ Convencionou-se apontar aqui apenas aspectos referentes basicamente à população negra, pelo fato de que nos diários, os viajantes pouco se detiveram em descrever outra gente senão a de “cor.”

⁹⁰ KIDDER, Daniel Parish. *Reminiscências de viagens e permanência nas províncias do sul do Brasil*, p. 135-137.

casas, como também no comércio urbano, passando o dia inteiro “carregando” mercadorias nas costas (os chamados escravos de ganho).

Schlichthorst também não se eximiu em falar sobre esses cativos, embora bastante incoerente no que revela: ora afirmando serem eles bem tratados durante o trajeto pelo oceano, ora descrevendo o estado miserável em que chegavam ao porto do Rio. Reconheceu a alta valorização do tráfico de negros africanos, afirmou com muita veemência que na transferência da costa africana para o Brasil recebem alimentação adequada e durante a viagem, ficam próximos ao sexo oposto, para não perderem a alegria. Ou ele quis atenuar a escravidão, ou não falou com tanto conhecimento. Se pensarmos que para estarem expostos nos armazéns à espera de comprador, que provavelmente os selecionaria pela aparência do vigor físico, eles deveriam ter sido bem alimentados ou bem maquiados, a idéia dele faz sentido. Entretanto, um pouco mais à frente, o viajante se surpreende com o estado deplorável com que esses homens chegavam ao porto: magros e com coloração de pele acinzentada e descamando.⁹¹

Persistindo nessa linha tênue, ele afirma existirem senhores bons e bárbaros; estes atacam a paciência dos negros e também a vingança. E mais, “o verdadeiro brasileiro perdoa a seu escravo a primeira falta, castiga-o pela segunda e vende-o pela terceira por qualquer preço”.⁹² Tendo se surpreendido com a situação dos negros cativos, Seidler mostrou todo o seu conservadorismo e preconceito europeu quando visitou o prédio da Câmara dos Deputados, a fim de assistir e ouvir as discussões que se davam por lá; dizendo ser uma das mais degradantes cenas da vida pública do Brasil e aproveita o momento para falar dos representantes mulatos da assembléia, dizendo que eles pretendem suprir as suas deficiências de natureza madrastra por lúcida inteligência e brilhante talento e dizem se sentir preteridos pelos brancos, e se não o forem bem mereciam sê-lo.⁹³

Thomas Ewbank observou o escoamento da produção de café, a qual era conduzida sobre as costas dos escravos em fardos que pesavam cerca de 72kg; constando que os homens designados para esses serviços só resistiam no máximo 10 anos, pois tendiam a ter a postura corporal óssea curvilínea, dificultando-lhes andar e carregar pesos. Ele teve a curiosidade de

⁹¹ SHCLICHTHORST, Carl. *O Rio de Janeiro como é (1824-1826)*: uma vez e nunca mais, p. 136-137.

⁹² *Ibidem*, p. 144.

⁹³ SEIDLER, Carl. *Dez anos no Brasil*, p. 51.

observar, descrever e desenhar alguns utensílios de punição aos escravos como as máscaras de ferro, gargalheiras, grilhões (para tornozelos e pulsos) e colares de ferro. Horrorizou-se com a situação do trabalho diário em que os escravos saíam antes do amanhecer e só retornavam no início da noite:⁹⁴

Preferiria mil vezes ser um carneiro, um porco, ou um boi e ter liberdade, alimentação e algum descanso e ser então sacrificado, a ser escravo em determinadas fazendas (...). Aqui temos senhores de escravos que choram sobre os sofrimentos de um santo e riem às piores torturas que eles próprios infligem em criaturas humanas.⁹⁵

Tendo visto o comércio que os negros fazem nas ruas do Rio, em que transportam mercadorias nas costas e a um chamado do freguês correm em sua direção, largam o cesto no chão e dependendo do valor do produto quem negocia é o próprio mercador. “Os pregões de Londres são bagatelas quando comparados a esses da capital brasileira”.⁹⁶ Segundo Schlichthorst, os negros apreciavam o imperador D. Pedro II, e devotavam-lhe respeito e admiração, pois eram partidários da monarquia e se identificavam com ela, já que em suas origens acostumaram-se a reverenciar um monarca, D. Obá, “o príncipe negro nas ruas do Rio” que era cordialmente cumprimentado por D. Pedro II.⁹⁷ O alemão acreditava que no futuro o povo do Brasil terá orgulho de ser mestiço. E através de fontes não oficiais, já que ele diz que o império não divulga dados sobre a população, afirma que havia no Rio de Janeiro uma pessoa branca para três negras, e o número de habitantes aumenta diariamente.

No que concerne às mulheres, Schlichthorst descreveu alguns tipos que existiam nos trópicos: as ibéricas, as mourisco-judaicas e as de raça mista. E se as mulheres européias vestiam obras de arte feitas por costureiras, as brasileiras punham qualquer roupa, pois todas

⁹⁴ EWBANK, Thomas. *A vida no Brasil*, p. 323-325.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 325.

⁹⁶ *Ibidem*, p. 78.

⁹⁷ Dom Obá 2º d'África nasceu na Bahia, era filho de africanos e por direito de sangue príncipe africano; lutou na Guerra do Paraguai (1865-1870), recebeu títulos pela sua bravura, fixou residência no Rio e se tornou amigo pessoal de D. Pedro II, de quem era protegido, transformou-se numa figura emblemática na cidade. Teria sido um elo entre o poder imperial e as massas. Sua vida como um personagem popular foi tema de trabalhos acadêmicos. Vide: http://www.casaruiarbosa.gov.br/eduardo_silva/main_principe.html

lhes caíam bem; por mais simples que sejam, as peças ganham forma no corpo delas.⁹⁸ Quando foi ao Teatro Pedro de Alcântara ele vislumbrou mulheres muitas bem vestidas, mas que não necessariamente eram princesas e condessas, porque segundo ele, o Brasil ainda era um país em que a vida social estava na infância e onde não existia muita diferença entre uma senhora decente e uma “mulher à toa”; a incerteza dele advém do fato de que na Europa se sabia discernir quando uma mulher era nobre ou não, no Brasil as vestimentas não estavam muito bem definidas, quanto à condição social de uma pessoa ou mesmo da conveniência do espaço.⁹⁹ A britânica Maria Graham, em viagem pelo Brasil, na década de 1820, se surpreendeu com uma cena na qual os homens trajavam roupas de couro – eles eram guardadores de gado, sertanejos, típicos do lugar – e destoavam da presença de mulheres com trajes urbanos europeus; elas quebravam a uniformidade do grupo e causavam repulsa, enfeavam a idéia que se tinha do lugar.¹⁰⁰ O que concluímos disso é que o viajante tinha uma idéia, sabia o que iria encontrar, e quando as suas perspectivas não se comprovavam como ele supunha, a reação é imediata de que ou se está em outro lugar ou aquilo não é brasileiro. O viajante não relativiza a cultura, como modos tão distintos são incorporados a um povo tão dependente política e socialmente.

Os comentários de Schlichthorst sobre as negras são bastante sensuais, fala da puberdade precoce, e de que quando têm filhos perdem toda a rigidez. A elas não resistiam seus senhores, como também o viajante, que diz sentir aversão e logo em seguida confessa que quando encontra com elas chega a esquecer a cor de suas peles.¹⁰¹

A observação que Seidler faz das mulheres confirma as impressões de Schlichthorst: elas chamam a atenção, qualquer que seja a sua classe, com qualquer peça de roupa, são excessivamente preguiçosas e indolentes e quando querem, escondem esse lado e expõem o amor. É costume das senhoras de classe média servirem-se das negras, pois para elas, “para semelhante trabalho de escravos Deus criou os negros, cuja cor nada pode sofrer nem com a fumaça ou sabão, nem com o esforço físico”.¹⁰²

⁹⁸ SCHLICHTHORST, Carl. *O Rio de Janeiro como é (1824-1826): uma vez e nunca mais*, p. 89-92.

⁹⁹ *Ibidem*, p. 129.

¹⁰⁰ Apud SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*, p. 24.

¹⁰¹ SCHLICHTHORST, Carl. *Op-cit*, p. 129-142.

¹⁰² SEIDLER, Carl. *Dez anos no Brasil*, p. 72.

Outra imagem bastante descrita pelos viajantes foi a das “lavadeiras das Laranjeiras”, as quais lavavam as roupas dos seus senhores durante a manhã e retornavam à tarde para buscar a roupa que ficara na gramínea quarando. Geralmente estão acompanhadas pelos filhos menores que lhes eram amarrados às costas. Ao passar por esse lugar, Ewbank viu essas mulheres e percebeu que enquanto elas conduziam as “trouxas” de roupa na cabeça, aproveitavam para amamentar a criança que estava nas costas, jogando o seio para trás ou por baixo do braço.¹⁰³

As senhoras e senhorinhas não tinham tantas opções de passeio, além de não terem permissão. Não havia espaços para compras e os passeios existentes não eram decentes, devido à nudez dos negros e à insalubridade dos logradouros:

E quando querem comprar alguma coisa, se não dispõem de cadeirinhas, esperam em casa por um mascate, que sempre traz em seus caixotes valiosas surpresas. Esse é um momento de bastante descontração, elas ficam sabendo através do vendedor das novidades que passam pela cidade; conversam sem pudor sobre assuntos que deixariam as européias enrubescidas. Do alto das sacadas, nos balcões das casas elas provocam, lisonjeiam-se da vaidade e quando o rapaz se aproxima para cortejá-las, não correspondem àqueles sentimentos que ousaram despertar.¹⁰⁴

O catolicismo romano fora instituído como religião oficial do Império desde a Constituição de 1824, mas ele já exercia influências desde a colonização, através da evangelização educacional dos jesuítas. E desde então seus ritos arraigaram-se na população do país, e alguns costumes não passaram despercebidos aos viajantes, tanto porque ocorriam diariamente, quanto porque eram muito inerentes à prática.

Os fogos de artifício eram herança portuguesa e eram amplamente utilizados, principalmente nas festas de santos que se realizavam em frente às igrejas; e na ocasião eram leiloados brindes doados pela própria comunidade cristã. Todos os dias na Corte pareciam domingo, as igrejas estavam todos os dias de portas abertas para receber os fiéis. “O catolicismo [no Brasil] mostra-se no apogeu, com a natureza e a vida em seu favor, reunindo tudo para despertar uma sensibilidade mais filha do sentimento do que da razão, pela qual,

¹⁰³ EWBANK, Thomas. *A vida no Brasil*, p. 64.

¹⁰⁴ *Ibidem*, p. 77.

enfim, a crença retoma todos os seus primitivos direitos”.¹⁰⁵ Schlichthorst faz um comentário digno de forte oposição aos trópicos e ao catolicismo, afirma que a facilidade com que o povo crê nos ritos e costumes católicos está no fato de “a natureza conspirar a esse favor, porque o clima quente dos trópicos excita a alma, e faz com que a idéia dum Deus morto na cruz, duma Virgem Mãe e dum céu cheio de santos alimente abundantemente a imaginação que se inclina ao maravilhoso; no Hemisfério Norte, as almas são menos excitáveis devido ao clima frio”.¹⁰⁶ Ele chamou de representação teatral o clamor que presenciou das mulheres durante os festejos da Semana Santa de 1825. Ele responsabiliza o clima das Américas por alguns costumes de sua população.

Embora ambos os viajantes viessem de países adeptos da religião protestante, o único ligado diretamente ao protestantismo era Daniel Kidder, e como metodista, o seu discurso é peculiar. Diz não querer suscitar preconceitos contra a Igreja de Roma, nem de fazer apologia de seus princípios e de suas praxes. Tentando descrever o estado atual de um país onde impera o catolicismo, afirma cumprir-se a relatar fielmente os fatos como observou,¹⁰⁷ tal qual Seidler. Porém, mostrando todos os seus princípios reformistas diz que se pudesse ver a eternidade só veria as pessoas daquela província que acataram as Escrituras; aqueles que se mantiverem na Igreja de Roma não a alcançariam.

Schlichthorst concorda que se gastava muito com as festas de padroeiro, fogos e flores, verificando que, tal como nas cerimônias religiosas, os enterros também são repletos de simbologias e ritos que variavam de acordo com a condição social e idade do morto; condição mediana, a família recebe da irmandade¹⁰⁸ a urna, que após o sepultamento é devolvida a ela; aos escravos restam redes. De mesma apreensão foi Kidder.¹⁰⁹

O inglês Ewbank, em fins da primeira metade do século XIX, assistiu a uma missa em latim, na qual o padre ficava de costas para a assembléia e as cerimônias terminavam antes que o cansaço e a indiferença fizessem desejar o seu fim. Assistindo alguns ritos fúnebres, ele

¹⁰⁵ SCHLICHTHORST, Carl. *O Rio de Janeiro como é (1824-1826)*: uma vez e nunca mais, p. 106-108.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 109.

¹⁰⁷ KIDDER, Daniel Parish. *Reminiscências de viagens e permanência nas províncias do sul do Brasil*, p. 129.

¹⁰⁸ Irmandades eram como associações leigas de cunho religioso assistencialista e para ser membro de uma delas era necessário que se pagasse uma quantia inicial, como também uma anuidade, o que asseguraria ao irmão, direito de receber auxílio em caso de moléstia, pobreza e falecimento (*Ibidem*, p. 74).

¹⁰⁹ *Ibidem*, p. 74 e 154.

afirmou que se não fossem o caixão e as velas nada haveria que indicasse um funeral; as pessoas se alimentavam, sorriam, brincavam; o morto era maquiado, ornado e bem vestido, confirmando descrições anteriores, a cor do caixão variava de acordo com a condição social e civil, quanto aos trajes, vestiam-se os melhores. No Rio existia santo para tudo; protetores dos banais e pertinentes problemas que atacavam a população: “Para nós [protestantes] esses gênios venerados não são senão bonecas de dezoito polegadas; para os católicos são reconhecidos como um meio através do qual as orações chegam até aqueles que representam”.¹¹⁰

Esse princípio era difundido pela própria Igreja Católica, segundo a qual, o cristão não pede diretamente a Deus, e sim a um santo que interceda por ele junto ao Pai. Diante de tão arraigado costume, Ewbank desabafa dizendo que quanto mais observa o povo brasileiro mais longínquo vê a possibilidade de sucesso de missões protestantes em meio a ele.¹¹¹

E como se não bastassem todos os ritos que observou, para Ewbank não houve maior representação dessa devoção ao catolicismo que o traslado dos restos mortais de uma romana elevada à categoria de santa pela Igreja do Vaticano. Ela se chamava Prisciliana e foi trazida ao Brasil por um reverendo carioca para a igreja de Santana. Para recepcionar tão divina figura foi organizado um grande cortejo com presença de autoridades (políticas e militares) e populares. Admirou-se pelo modo como estas figuras de cera atraíam o povo “que acreditava naqueles deuses, que feitos pelos homens têm seus milagres produzidos e reconhecidos pela Igreja”.¹¹²

Tivesse eu vivido trezentos anos no país e não teria assistido a uma cerimônia dessas, pois que nada de parecido ocorreu jamais nesta metade do globo. Nenhum altar na América do Sul nem na do Norte jamais enriqueceu com um pé, braço ou perna sagrados trazidos de fora.¹¹³

Como no Rio a vida era uma mistura de ritos que se mesclavam entre tragédia e comédia, morte e divertimentos, farsas e funerais, tudo era uma festa, os viajantes que a

¹¹⁰ EWBank, Thomas. *A vida no Brasil*, p. 140-143.

¹¹¹ *Ibidem*, p. 182.

¹¹² *Ibidem*, p. 221-227.

¹¹³ *Ibidem*, p. 221.

presenciaram não fecharam os olhos para um dos grandes eventos da população, o entrudo, que era uma celebração que acontecia três dias antes da Quaresma, e as pessoas se entregavam às libações, já que passariam 40 dias em jejum. Para essa festa confeccionavam-se bolinhas de cera que eram atiradas nos transeuntes, segundo o testemunho de Kidder:

Quem sai durante os dias de entrudo, corre o risco de levar uma ducha, e, por isso, é sempre prudente andar de guarda-chuva, pois no entusiasmo da brincadeira as laranjas logo se acabam e os foliões começam então a lançar mão de seringas, bacias, tigelas, e, às vezes, de jarros de água, com os quais molham as vítimas até as deixarem encharcadas.¹¹⁴

Ewbank também fora avisado que naquele mês de fevereiro de 1846 começaria o entrudo, o que o deixou intrigado para saber a origem da festa, percebendo assemelhar-se ao carnaval italiano; procurou um dicionário e não encontrou referências, entretanto chegou à conclusão que o carnaval se estendia desde 1º de janeiro até o primeiro dia da Quaresma, ao passo que o entrudo se realizava na parte final de fevereiro e durava apenas três dias, começando no domingo e terminando na quarta-feira de cinzas.¹¹⁵

Dentre os viajantes estudados, Daniel Kidder parece ser o único a se preocupar com a educação, talvez por ser metodista, vindo através de uma missão a fim de evangelizar, distribuindo bíblias. Tratou a educação brasileira como despreparada, e embora D. João VI tenha mandado construir o Museu Nacional, ele argumentou que havia mais do Brasil na Europa que no museu, assinalando que o Colégio Pedro II, que havia sido fundado em 1837 requereu um missionário para que fornecesse bíblias. Sússekind utilizou a descrição de Kidder acerca da Biblioteca Nacional, evidenciando os esforços para disponibilizar material, espaço e bom atendimento e o insipiente movimento no salão de leitura.¹¹⁶ De opinião um tanto quanto parecida era Ewbank, observando que o interesse pela leitura nacional é pequeno, a isso respondeu Kidder que era por conta da influência dos folhetins e da literatura francesa.¹¹⁷ O que ele próprio pode perceber no acervo da Biblioteca Imperial, quando eram raros e esparsos os livros em português. Kidder parece desconhecer que a educação brasileira até então havia se restringido às missões jesuíticas.

¹¹⁴ KIDDER, Daniel Parish. *Reminiscências de viagens e permanência nas províncias do sul do Brasil*, p. 134.

¹¹⁵ EWBANK, Thomas. *A vida no Brasil*, p. 81.

¹¹⁶ SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*, p. 97.

¹¹⁷ Apud, SÜSSEKIND, Flora. Op-cit, p. 98.

3.3 A Corte

A presença da realeza num país colonial, oficialmente sede da monarquia do Império Luso-Brasileiro desde 1808, como já se disse, mudou alguns hábitos da população; a corte em si, nos trópicos, já suscitava imagens destoantes, com suas roupas pesadas de peles, ornadas de muito brilho, num país quente e pobre, onde a maioria da população, era mestiça. Segundo Luís Felipe de Alencastro, a Corte agregava [em 1849] a maior concentração urbana de escravos existentes no mundo desde o final do Império Romano: 110 mil escravos, num total de 226 mil habitantes, o que ele chamou de teatro das contradições, porque se almejava o liberalismo e dizia-se moderna ao mesmo tempo em que convivia com a insalubridade, o caos pré-urbano e a forte concentração de escravos na cidade.¹¹⁸

As descrições que os viajantes fazem dos membros dessa corte são quase sempre destoantes da imagem que se tinha de uma realeza: muita opulência e ostentação. Não obstante, o fato é que a família real portuguesa fazia jus às imagens que se construíram e se perpetuaram dela. O primeiro momento de Schlichthorst em presença do casal real foi quando se apresentou ao Arsenal da Marinha e foi recebido pelo imperador D. Pedro I e pela Imperatriz Leopoldina da Áustria.¹¹⁹ Foram descritos de forma quase cômica, apenas o imperador teve uma imagem, digamos, melhor. Era um homem altivo, engraçado, pois intercalava ao seu discurso sério algumas piadas. Já sua esposa era uma mulher bizarra, gorda e de corpulência típica das brasileiras (parece que o pouco tempo no Brasil já rendia à imperatriz particularidades da imagem que o viajante tinha sobre as mulheres daqui!) quando passam da primeira idade. Ambos se vestiam de modo desagradável ao ambiente; de imediato o que se pensa ser agradável para o viajante seria trocar as pesadas roupas européias por peças mais leves, mas para ele, vestir-se adequadamente com o ambiente seria pintar seus corpos e adornarem-no, usando também arco-e-flecha.¹²⁰ Ele ainda presenciou uma festa no Paço Imperial, na qual estiveram presentes militares e toda a gente abastada da cidade, afirmando ter faltado apenas uma guarda de botocudos.¹²¹ Schlichthorst tanto ironiza quanto faz

¹¹⁸ ALENCASTRO, Luís Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. In: ___. *História da vida privada no Brasil. Império: a corte e modernidade nacional*, p. 24.

¹¹⁹ SCHLICHTHORST, Carl. *O Rio de Janeiro como é (1824-1826): uma vez e nunca mais*, p. 24

¹²⁰ Ibidem, p. 24.

¹²¹ Índigenas que habitaram a região das Minas Gerais e interior do Rio de Janeiro.

discursos debochados do casal real e das tropas ali perfiladas, fazendo menção a uma imagem por ele conhecida: de nativos nus, portando objetos de guerra.

Ousando falar da intimidade do imperador, dos casos amorosos que mantinha fora do casamento, Schlichthorst tem o poder de transformar aquela mulher descrita de forma horrenda, digna de medo e repulsa, em uma mulher bondosa, calma e paciente, que passava por problemas de ordem privada (mas que toda Corte conhecia!), que não lhe fazem perder a ternura. Talvez tenha sido o que faltou ao viajante quando falou dos trajés e do físico da imperatriz:

A profunda bondade de coração e a inesgotável paciência que são muitas vezes no trono tão indispensáveis quanto no seio da família, unidas ao bom senso e a um alto grau de instrução, fazem com que essa Princesa seja feliz em circunstâncias que seriam insuportáveis para um espírito apaixonado.¹²²

Um dos programas preferidos da família real era ir ao teatro, onde eram acomodados num camarote e recebiam a saudação do público e dos atores. As peças que se apresentavam eram em sua maioria de companhias portuguesas, entretanto com a abdicação de D. Pedro I, os gastos foram cortados e passou-se a apresentar artistas nacionais, também por conta do antilusitanismo.

Os viajantes descrevem as coisas como lhes convém, diríamos que suas impressões são subjetivas; para Seidler a imperatriz era uma pessoa encantadora e bela, esteve com ela durante uma audiência no Paço em que o imperador fazia alguns despachos.

Kidder assistiu a uma missa na qual estava presente a família real, e pode ver o quanto o povo tinha afeto ao jovem Pedro I, todos se esforçavam para beijar-lhe a mão,¹²³ no que foram atendidos com naturalidade por sua Alteza; Ewbank estranhou ao ver ministros americanos prestando humilhante homenagem à monarquia. Ao se mudar para o Engenho Velho, mais próximo da Quinta Imperial, Kidder estendia seu olhar e alcançava o imperador

¹²² SCHLICHTHORST, Carl. *O Rio de Janeiro como é (1824-1826)*: uma vez e nunca mais, p. 57.

¹²³ O beija-mão, costume medieval, foi trazido para a Corte, era o momento em que o anônimo, o homem simples dispunha para se aproximar do imperador, pedir-lhe auxílio e quiçá receber favores.

passeando pelos jardins do Palácio. Afirmou que o aspecto do imperador nessas ocasiões íntimas era mais interessante do que quando no rígido uniforme real.

Ewbank, talvez tenha sido o mais ousado de todos, pois entrou no Palácio da Quinta da Boa Vista, visitou aposentos, percorrendo grande número de corredores, deparando-se com quadros de artistas europeus. Ao visitar o dormitório imperial surpreendeu-se com a disparidade: móveis franceses ao lado de peles de animais da fauna brasileira.

As descrições do Rio de Janeiro são dos viajantes e unicamente deles, se foram frutos do encontro com outras paisagens na memória, foram eles que conferiram àquele lugar a propriedade de tal peculiaridade. Como já se disse, os diários de viagens, assim como cartas, gravuras, etc. são de fato importantes fontes de informações sobre o Brasil, verdadeiramente um país visto de fora e de dentro por estrangeiros. A multiplicidade de dados, assuntos descritos, desenhados, contados por eles nos dá uma idéia de como o Brasil foi visto e dado a ver, como afirmou Flora Süssekind: “não é, pois a qualquer lugar que se pode chamar de Brasil, a qualquer literatura de brasílica. É necessário que se submetam à malha fina da ‘originalidade’ da ‘natureza exuberante’, dos ‘costumes peculiares’”.¹²⁴

Observamos que através das palavras esses viajantes constroem nas suas e nas mentes de quem os lê representações de uma cidade com paisagens de belezas nunca antes vistas, tornando-a maravilhosa, inconfundível, passível de deixar o visitante extasiado. Percebemos que a beleza da paisagem natural foi uma unanimidade entre eles, um dos poucos momentos em que a percepção de um condiz com a do outro; quando o assunto é a paisagem urbana, eles também não divergem ao dizer que a cidade não estava preparada para ser capital de um Império, e precisava mudar bastante, como alargar suas ruas, limpá-las, melhorar as condições do porto e modernizar a cidade. Foram debochados, eurocêtricos e irônicos quando trataram da população negra e da família real; houve quem impusesse palavras de repúdio “à condição de ser negro,” até quem falasse da escravidão com brandura e ainda de reclames àquela tão cruel condição de trabalho e vida a que os negros eram relegados; no trato com a família real sobraram deboches, ironias. E quando

¹²⁴ SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*, p. 24.

necessitaram pedir ajuda para retornar aos seus países, Seidler e Schlichthorst, viram-na com muita doçura, lançando mão de palavras bonitas para elogiar a educação da imperatriz Leopoldina.

CONCLUSÃO

A cidade do Rio de Janeiro recebeu o epíteto de cidade “maravilhosa” no início do século XX, entretanto percebemos, através desse estudo, que o adjetivo sempre esteve presente nos relatos de viagem, ora implícito ora explicitamente. Para chegarmos a conhecer alguns aspectos da capital do Império na primeira metade do século XIX descritos por viajantes estrangeiros percorremos a temática na historiografia brasileira, evidenciando interesses correspondentes com as necessidades e anseios da época.

Vimos que desde os primeiros anos do descobrimento as terras de além-mar tinham suas costas visitadas e exploradas intensamente e descritas cuidadosamente, seja pelos representantes/autoridades da metrópole dominante naquelas regiões, seja por aventureiros, curiosos, estudiosos ou autoridades de outros estados europeus. Percebemos que as imagens que foram construídas/representadas dos trópicos, como também o modo de olhar foram se modificando gradativamente, junto com o avanço da ciência, as mudanças de interesse econômico das potências coloniais que as ocupavam em determinado momento.

Apesar de nos tempos coloniais o Brasil ser para sua metrópole portuguesa, um celeiro que a abastecia de matéria-prima para consumo e venda, isso se modificaria quando no início do século XIX essa colônia passará a abrigar a família real lusitana e a corte portuguesa, o que trouxe importantes mudanças. Deixamos de ser colônia propriamente dita e passamos a fazer parte do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, tornando a cidade do Rio de Janeiro, já capital da Colônia desde o século XVIII, sede da monarquia, capital do reino do Brasil em 1808.

Importantes trabalhos sobre viajantes estrangeiros e sobre as mudanças advindas com a abertura para outras nações visitarem a América foram lançados, especialmente a partir da década de 1990. Obras enciclopédicas, cujos organizadores tentaram interpretar os vestígios, fragmentos de memória de todos aqueles que visitaram o Brasil; assim sendo tentamos contextualizar a nossa pesquisa na primeira metade do século XIX, especificamente na sede da corte no Brasil, o Rio de Janeiro. Situamos esse estudo no momento da mudança do olhar o outro, olhar esse que já sabemos tornou-se subjetivo, variável de acordo com quem olha e como olha. A partir disso escolhemos viajantes de nacionalidades diferentes e por conseguinte

de interesses diversos, o que nos forneceu uma outra dimensão do olhar divergente, variado e em sua essência, subjetivo.

As razões para se vir à América foram diferentes e influenciaram as memórias de Schlichthorst, Seidler, Kidder e Ewbank. Os dois primeiros, apesar de virem para compor as forças estrangeiras na Guerra da Cisplatina, mostraram ter uma ânsia por conseguir fama, sucesso e dinheiro e o meio que encontraram foi alistar-se, porém, chegando aqui se decepcionaram com a cidade, a vida e os rendimentos militares.

O metodista Kidder construiu um discurso peculiar, era missionário da Igreja Reformada, não se deteve tanto a descrever a religiosidade, e quando o fez criticou, evidenciando alguns ritos do catolicismo e costumes dos praticantes. Ewbank, de todos os viajantes estudados foi o único desprendido de compromissos institucionais ou obrigatoriedades, dado que sua viagem foi a passeio, não pretendendo aqui divulgar credo ou enriquecer; fez muitos reclames dos maus-tratos aos escravos e dos costumes do povo.

Mostrados os desejos, sucessos e decepções, apresentamos alguns aspectos da cidade do Rio de Janeiro referentes à paisagem, à população e à corte, porque foram os sucessos e insucessos, expectativas e frustrações que preponderaram no momento em que o viajante pôs no papel suas memórias, os fragmentos de suas recordações dos trópicos, quando já estava distante. Descreveram a paisagem como exuberante, magnificamente maravilhosa; foram unânimes ao reconhecerem a “vista” como ímpar e inigualável. Exaltaram a beleza natural e execraram as construções, afirmando ser a urbanidade carioca indigna da natureza circundante. A arquitetura, no geral, era simples, ruas estreitas, população indesejada transitando diariamente espalhando odores fétidos, frutos da falta de higiene e que enfeavam ainda mais o lugar.

À época, o Rio de Janeiro tinha o maior contingente de escravos desde o fim do Império Romano. Disso foram marginalizados e tidos como insuportáveis, cuja presença na cidade causava asco aos viajantes, principalmente pelo estado deplorável em que eram vistos e tratados. Os estrangeiros afirmaram que dos corpos desses negros exalavam odores pestilentos, cujo mau-cheiro perdurava nas ruas da cidade, dado a estreiteza e sinuosidade delas. Assim, mais que o desejo de alargá-las para auxiliar no escoamento de produtos do e para o porto, os viajantes desejavam livrar-se daqueles cheiros, empreendendo ao mesmo

tempo valores modernos como a vigilância, limpeza e regularidade, ao que a cidade só vai receber nas primeiras décadas do século XX.

Ao descreverem a corte, de hábitos temperados em clima tropical, os viajantes teceram comentários esdrúxulos, bizarros, muitas vezes suas palavras soaram comicamente, com caráter debochado. É fato, toda aquela gente era estranha à paisagem e destoava do esperado pelo estrangeiro.

Chegar a essas conclusões não foi fácil, durante a pesquisa alguns ajustes tiveram que ser feitos; inicialmente, a intenção era analisar o processo de construção das imagens do Rio de Janeiro, questão ampla, que se mostrou inviável nesse estudo. Para tanto se pretendia apresentar a idéia que os viajantes faziam do Brasil, em seguida a primeira impressão que tiveram da cidade do Rio de Janeiro, para finalmente chegarmos ao convívio com a cidade e os ajustes que eles fizeram entre o que esperavam encontrar e o que encontraram. De certa forma isso foi feito, já que no segundo capítulo buscamos mostrar as razões que fizeram aqueles estrangeiros virem para cá.

Atualmente, o Rio tem uma população de mais de 6 milhões de habitantes em área urbana, esse número duplica se levarmos em consideração a imensa região metropolitana; comporta a segunda maior concentração de afro-descendentes do Brasil, perdendo apenas para Salvador/BA. As reformas que o cosmopolitismo dos viajantes trouxe para a cidade só foram verdadeiramente implantadas na República, na gestão do prefeito Pereira Passos. Há ainda quem a confunda com a capital do Brasil, título que tinha até os anos de 1960.

As impressões que os viajantes tiveram da cidade são importantes porque tratam do modo com fomos vistos e educados a nos ver. Ainda há muito que se explorar nessas visões; o assunto é fascinante e instigante e à medida que avançávamos percebíamos que surgiam cada vez mais dúvidas, as quais nos faziam rever métodos e buscar novos estudos para saná-las e repensar a idéia inicial.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes

EWBANK, Thomas. *A vida no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1976. (Reconquista do Brasil, 28).

KIDDER, Daniel Parish. *Reminiscências viagens e permanência nas províncias do Sul do Brasil: Rio de Janeiro e província de São Paulo: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980. (Reconquista do Brasil, 15).

SCHLICHTHORST, Carl. *O Rio de Janeiro como é (1824-1826): uma vez e nunca mais*. Brasília: Senado Federal, 2000. (O Brasil visto por estrangeiros).

SEIDLER, Carl. *Dez anos no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980. (Reconquista do Brasil, 24).

Bibliografia

ALENCASTRO, Luís Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. In: _____ (Org.). *História da Vida privada no Brasil, 2. Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Cia das Letras, 1997. p. 11-93.

BARREIRO, José Carlos. *Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Unesp, 2002.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *Imaginário do Novo Mundo*, 3 v. São Paulo: Metalivros; Salvador: Odebrecht, 1994.

_____. *Um lugar no universo*. São Paulo: Metalivros; Salvador: Odebrecht, 1994.

_____. *A construção da paisagem*. São Paulo: Metalivros; Salvador: Odebrecht, 1994.

_____. A propósito do Brasil dos viajantes. *Revista USP*, São Paulo, v. 30, p. 8-19, jun./ago. 1996. (Dossiê Viajantes).

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990.

DUARTE, Regina Horta. Olhares estrangeiros: viajantes no vale do rio Mucuri. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, Anpuh/Humanitas, v. 22, n. 44, p. 267-288, 2002.

LEITE, José Roberto Teixeira. Viajantes do imaginário: a América vista da Europa, século XV-XVII. *Revista USP*, São Paulo, v. 30, p. 32-45, jun./ago. 1996. (Dossiê Viajantes).

LISBOA, Karen Macknow. Olhares estrangeiros sobre o Brasil do século XIX. In: MOTA, Carlos Guilherme (Orgs.). *Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000)*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000. p. 268-295.

MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MOISÉS, Leyla Perrone. *Vinte luas: viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil: 1500-1505*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. Alegres trópicos: Gonneville, Thevet e Léry. *Revista USP*, São Paulo, v. 30, p. 84-93, jun./ago. 1996. (Dossiê Viajantes).

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das; MACHADO, Humberto Fernandes. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

RIOS FILHOS, Adolfo Morales de los. *O Rio de Janeiro Imperial*. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks/UniverCidade Editora, 2000.

SEIXO, Maria Alzira. Entre cultura e natureza: ambigüidades do olhar do viajante. *Revista USP*, São Paulo, v. 30, p. 120-133, jun./ago. 1996. (Dossiê Viajantes).

SILVA, Janice Theodoro. Visões, descrições da América: Alvar Nunez Cabeça de Vaca (XVI) e Hercules Florence (XIX). *Revista USP*, São Paulo, v. 30, p. 74-83, jun./ago. 1996. (Dossiê Viajantes).

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

VAILATI, Luiz Lima. Os funerais de “anjinho” na literatura de viagem. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, Anpuh/Humanitas, v. 22, n. 44, p. 365-392, 2002.

VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Dicionário do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

Internet

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/alm290720031.htm>. Acessado em: 25 de ago. de 2006.

http://www.casaruibarbosa.gov.br/eduardo_silva/main_principe.html. Acessado em: 28 de set. de 2006.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_de_Janeiro_\(Rio_de_Janeiro\)#Demografia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_de_Janeiro_(Rio_de_Janeiro)#Demografia). Acessado em: 22 de out. de 2006.

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=artistas_or_dem_alfabetica_fra&cd_idioma=28558. Acessado em: 08 de nov. de 2006.

<http://www2.mre.gov.br/acs/diplomacia/portg/fotos>. Acessado em: 08 de nov. de 2006.

<http://www.tratosculturais.com.br/Zona%20da%20Mata/Biblioteca/Personagens/Escravos>. Acessado em: 08 de nov. de 2006.

<http://www.estadao.com.br/ext/debret/catalogo.htm>. Acessado em: 08 de nov. de 2006.

http://www.geocities.com/nunes_garcia/JM_E_Ref.htm. Acessado em: 08 de nov. de 2006.

ANEXOS

FIGURA 1: *Panorama da cidade do Rio de Janeiro, vista do terraço do morro da Conceição*, Thomas Ender. Aquarela sobre desenho e lápis, 1817-1818. Kupferstichkabinett der Akademie der bildenden Künste Wien (Áustria)



Disponível em:

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=obra_fra&cd_verbete=4432&cd_obra=7433

FIGURA 2: *Desembarque no largo do Paço*, E. F. Taunay. 1829. Museu Imperial de Petrópolis



Disponível em:

<http://www2.mre.gov.br/acs/diplomacia/portg/fotos/folc010a.htm>.

FIGURA 3: *Vista do Corcovado*, Augustus Earle. Aquarela, 1822. National Library of Austrália



Disponível em:

<http://www.gg.rhul.ac.uk/tropics/book.htm>.

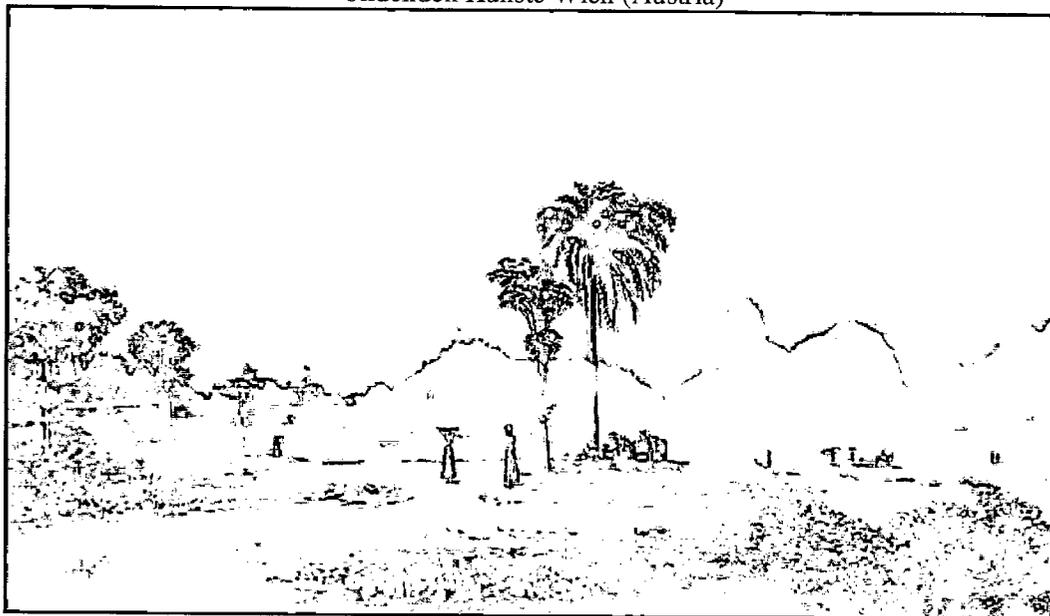
FIGURA 4: *Igreja da Glória e o Pão de Açúcar*, Thomas Ender. 1817-1818. Coleção Paulo Fontainha Geyer



Disponível em:

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=obra_fra&cd_verb_ete=4432&cd_obra=59607

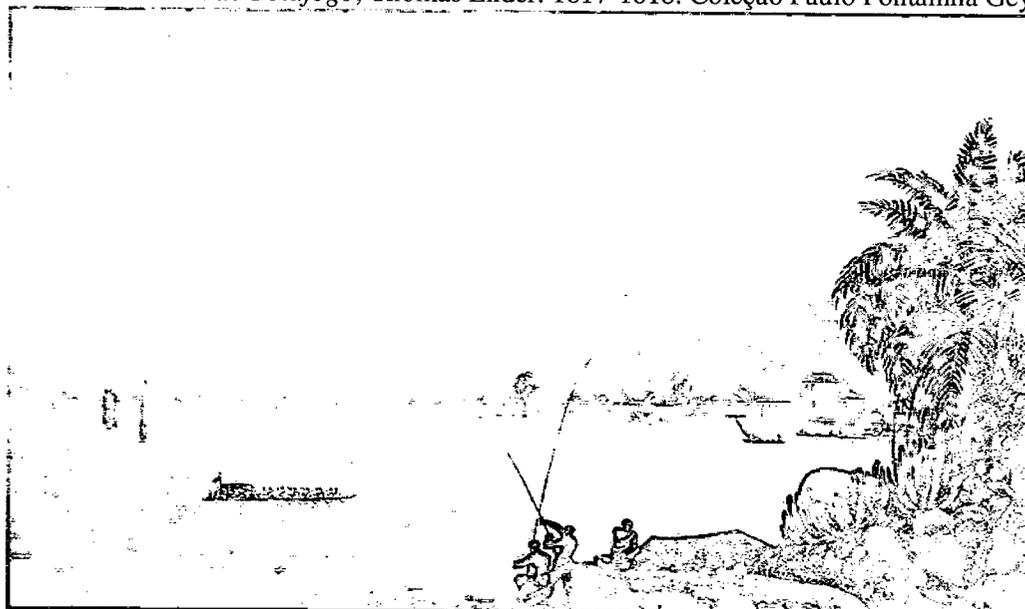
FIGURA 5: *Bairro de Botafogo*, Thomas Ender. 1817-1818. Kupferstichkabinett der Akademie der bildenden Künste Wien (Áustria)



Disponível em:

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=obra_fra&cd_verbete=4432&cd_obra=59509

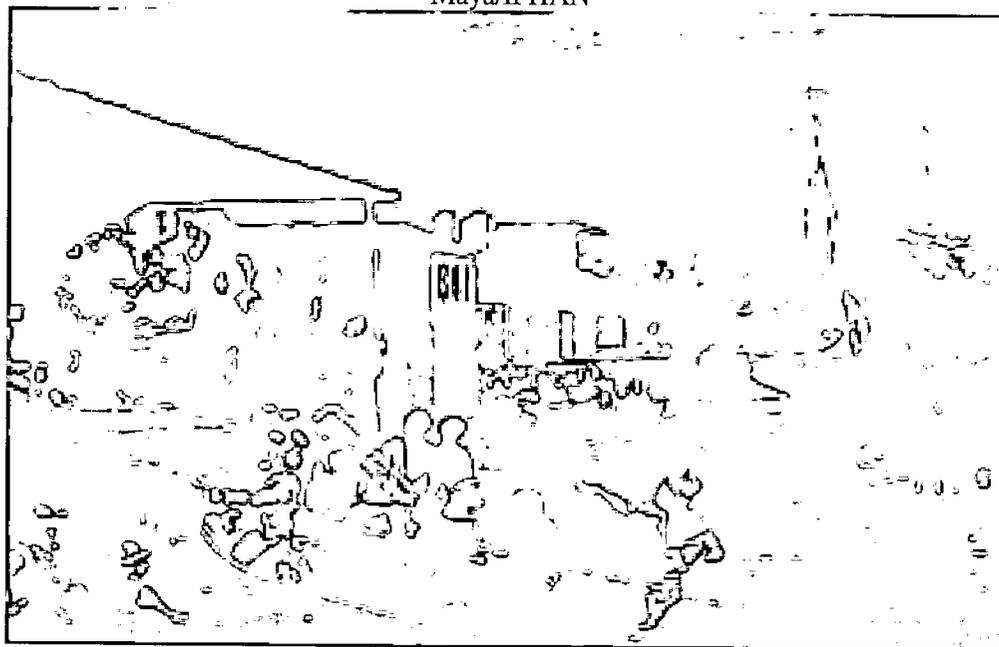
FIGURA 6: *Praia de Botafogo*, Thomas Ender. 1817-1818. Coleção Paulo Fontainha Geyer



Disponível em:

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=obra_fra&cd_verbete=4432&cd_obra=2175.

FIGURA 7: *Desembarque de escravos*, J. M. Rugendas. 1827-1835. Museu Castro Maya/IPHAN



Disponível em:

<http://www.pretosnovos.com.br/mercint3.html>

FIGURA 8: *Mercado de escravos*, J. M. Rugendas. Litografia (colorida à mão), 1835. Coleção particular



Disponível em:

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=obra_fra&cd_verbete=4051&cd_obra=5766

FIGURA 9: *Lavadeiras do Rio de Janeiro*, J. M. Rugendas. Aquarela, sem data. Museu Castro Maya/IPHAN



Disponível em:

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=obra_fra&cd_verbete=4051&cd_obra=5760

FIGURA 10: *Vendedores de capim e leite (escravos de ganho)*, J. B. Debret. 1823



Disponível em:

<http://www.tratosculturais.com.br/Zona%20da%20Mata/Biblioteca/Personagens/Escravos/1112001023%20Debret%20Vendedor%20de%20Leite.jpg>

FIGURA 11: Castigo público, J. M. Rugendas. 1835
Museus Castro Maya - IPHAN/RJ



Disponível em:

[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=obra_fra&cd_verbete=4051&cd_obra=5762.](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=obra_fra&cd_verbete=4051&cd_obra=5762)

FIGURA 12: Castigos domésticos, J. M. Rugendas. 1835



Disponível em:

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=obra_fra&cd_verbete=4051&cd_obra=5763

FIGURA 13: Dia de Entrudo (cena de carnaval), J. B. Debret. 1823



Disponível em:

<http://www.estadao.com.br/ext/debret/catalogo.htm>

FIGURA 14: Rua Direita, J. M. Rugendas. 1825



Disponível em:

http://www.geocities.com/nunes_garcia/JM_E_Ref.htm

FIGURA 15: Desembarque da Imperatriz Dona Leopoldina, J. B. Debret. Óleo sobre tela, 1818. Museu Nacional de Belas Artes (Rio de Janeiro)



Disponível em:

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=obra_fra&cd_verbete=4005&cd_obra=1569

FIGURA 16: Aclamação de D. Pedro, J. B. Debret. Óleo sobre tela, sem data. Museu Nacional de Belas Artes (Rio de Janeiro)



Disponível em:

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=obra_fra&cd_verbete=4005&cd_obra=1198